urban **CORK** **SOCIAL** design

EQUIPAMENTO URBANO COMO INSTRUMENTO DE INTEGRAÇÃO SOCIAL E CULTURAL NA CIDADE CONTEMPORÂNEA

Mestrado em Design | **Espaço Urbano e Interiores** | orientadora **Maria Milano** | aluna **Bruna Santos** nº 507 | Setembro **2012**

ESAD
ESCOLA SUPERIOR
DE ARTES E DESIGN
MATOSINHOS



urban CORK SOCIAL design

NOME: Bruna Andreia Pereira dos Santos

TÍTULO DO PROJECTO : Equipamento urbano como instrumento de integração turística e cultural na cidade contemporânea.

ORIENTADORA: Maria Milano

CO-ORIENTADOR : Paulo Coelho

SETEMBRO 2012

Mestrado em Design - Espaço urbano e interiores

Escola Superior de Artes e Design



ÍNDICE

BRIEFING 7

AGRADECIMENTOS 9

INTRODUÇÃO 11

O MEIO URBANO E A SUSTENTABILIDADE 18

O espaço público ao longo dos séculos 34

O espaço púlico na cidade contemporânea 44

O espaço público e a relação com a natureza 48

PROJECTO: URBAN CORK SOCIAL DESIGN 63

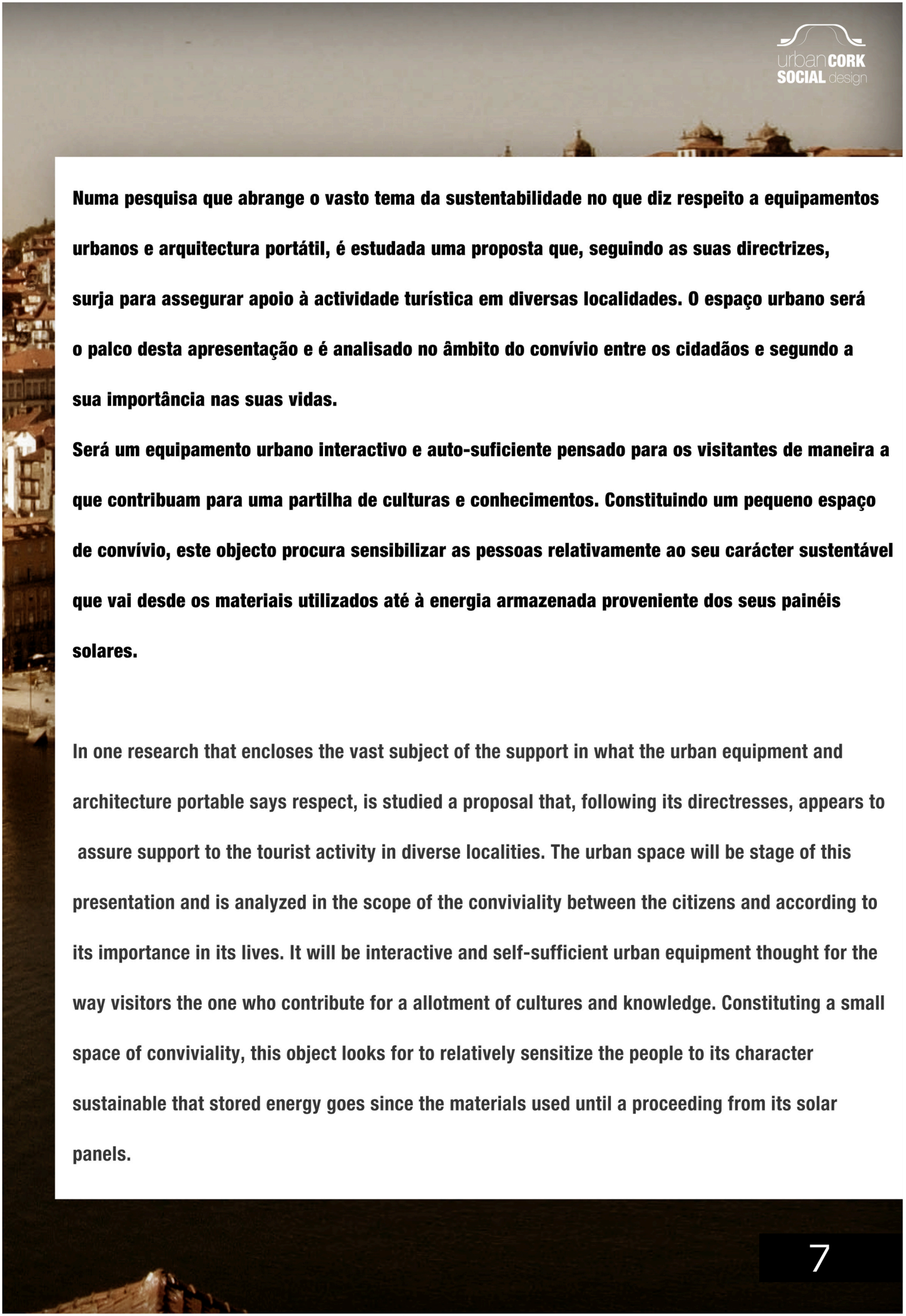
Memória justificativa 63

Memória descritiva 69

CONCLUSÃO 78

BIBLIOGRAFIA 82





Numa pesquisa que abrange o vasto tema da sustentabilidade no que diz respeito a equipamentos urbanos e arquitectura portátil, é estudada uma proposta que, seguindo as suas directrizes, surja para assegurar apoio à actividade turística em diversas localidades. O espaço urbano será o palco desta apresentação e é analisado no âmbito do convívio entre os cidadãos e segundo a sua importância nas suas vidas.

Será um equipamento urbano interactivo e auto-suficiente pensado para os visitantes de maneira a que contribuam para uma partilha de culturas e conhecimentos. Constituindo um pequeno espaço de convívio, este objecto procura sensibilizar as pessoas relativamente ao seu carácter sustentável que vai desde os materiais utilizados até à energia armazenada proveniente dos seus painéis solares.

In one research that encloses the vast subject of the support in what the urban equipment and architecture portable says respect, is studied a proposal that, following its directresses, appears to assure support to the tourist activity in diverse localities. The urban space will be stage of this presentation and is analyzed in the scope of the conviviality between the citizens and according to its importance in its lives. It will be interactive and self-sufficient urban equipment thought for the way visitors the one who contribute for a allotment of cultures and knowledge. Constituting a small space of conviviality, this object looks for to relatively sensitize the people to its character sustainable that stored energy goes since the materials used until a proceeding from its solar panels.



Ao concluir este trabalho não poderia deixar de salientar o meu mais profundo agradecimento a todas as pessoas que me apoiaram nesta fase da minha vida. Foi um longo percurso, acompanhado de momentos de elevada intensidade, muitas alegrias, trabalho e companheirismo.

Desilusões, agonias, fraternidade, amor.

A todos aqueles que contribuíram para esta fase especial da minha vida, família, amigos, colegas, professores, orientadores e demais pessoal da ESAD, um sentido agradecimento.

Um também muito obrigado para aqueles que partiram antes de eu terminar este curso, mas que sempre estiveram aqui.

Para aqueles que não poderia deixar de colocar o nome

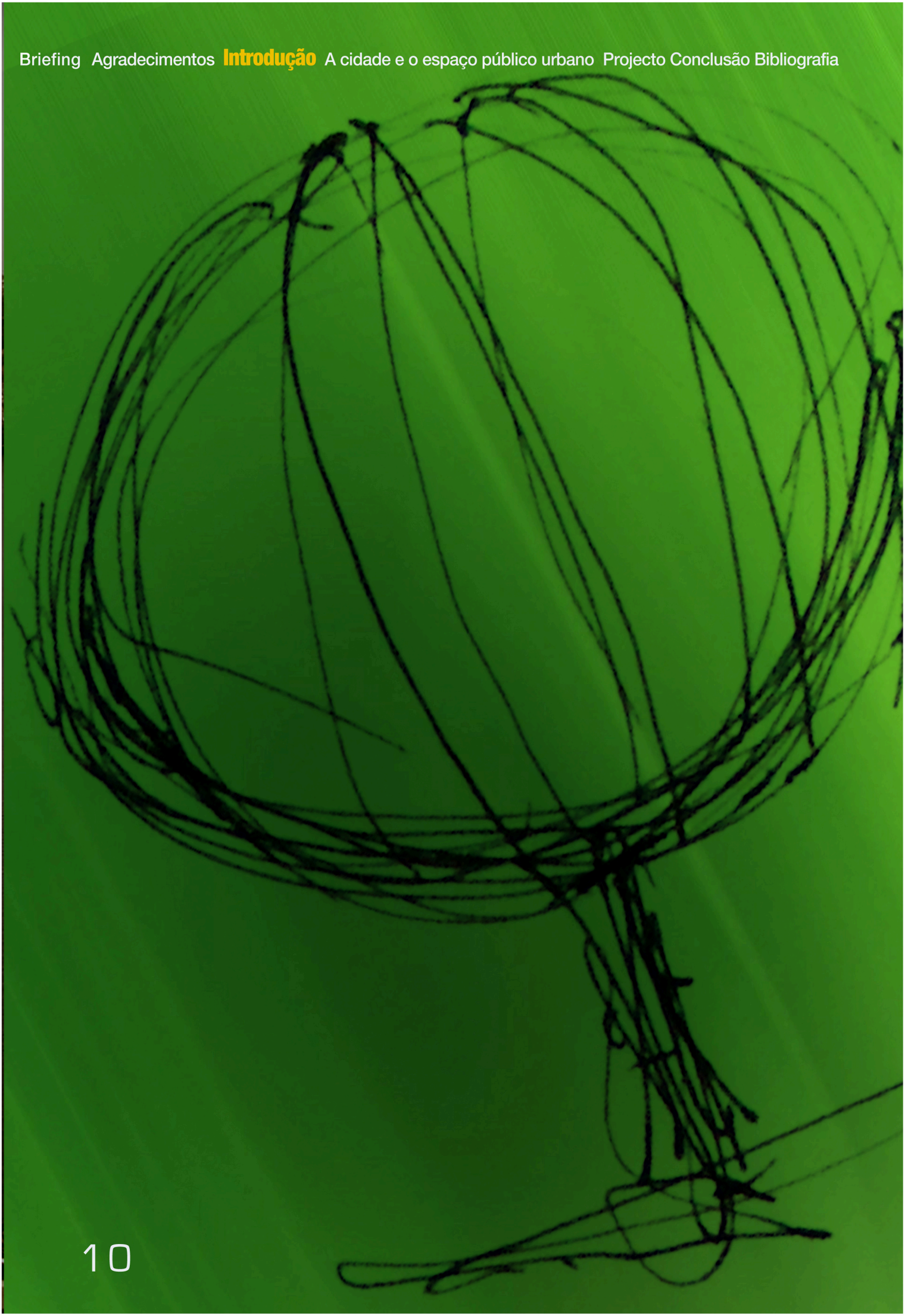
Guilherme, **Matilde** e a **Patrícia**

Às minhas colegas de casa, **Sara**, **Inês** e **Josephine**

Ao meu **namorado**

À minha **mãe**

Obrigado



Na óptica dum exercício de reconhecimento do universo territorial onde se pretende projectar a definição e interpretação de questões poéticas e metafóricas intrínsecas à lógica de pensar espaço público, todo o conhecimento que nos for possível apoderar será útil na elaboração dum conceito projectual e sua influência processual. As marcas desse território fazem parte da figura poética que cada um é capaz de guardar nas suas memórias, variáveis no sentido lato da palavra, as quais expressam a forma como vemos, vivemos e sentimos dum espaço.

A esta postura com que actuamos sobre um projecto e os apontamentos que dai se desenvolvem, processam quase naturalmente a elaboração de registos sobre uma essência especial (a nossa essência), a qual nos irá auxiliar condições para poder intervir, dar uma resposta racional e cuidadosamente expressada com o modo como pretendemos alterar ou acrescentar novas marcas a um território.

Pretende-se conquistar as pessoas através da percepção visual -desde a localização e inclusão de novos objectos urbanos à sua própria manutenção-, psicológica -que se desenvolve a partir de experiências positivas proporcionando o afastamento do medo-, e conforto – gerando desejo e bem- estar.

O planeta tem sofrido graves alterações, das quais, e talvez mais grave, o aquecimento global que tem influenciado todo o ciclo climático. No livro O Guia Básico Para a Sustentabilidade de Brian Edwards (2005) encontramos um grande apoio e elucidação sobre este tema. Torna-se essencial que os arquitectos e designers tomem consciência do impacto ambiental dos seus gestos e práticas e façam uma séria avaliação ao longo de todo o desenvolvimento de um projecto.

Torna-se essencial que os arquitectos e designers tomem consciência do dano ambiental que os seus gestos e práticas podem provocar e façam uma séria avaliação ao longo de todo o desenvolvimento de um projecto. "A indústria da construção civil consome 50% dos recursos mundiais, convertendo-se em uma das actividades menos sustentáveis do planeta. No entanto, a nossa vida quotidiana desenvolve-se em ambientes edificados: vivemos em casas, viajamos sobre estradas, trabalhamos em escritórios e nos sociabilizamos em bares e restaurantes. A civilização contemporânea depende de edificações para seu resguardo e sua existência, mas o nosso planeta não é capaz de continuar suprindo a actual demanda de recursos."

Toda esta temática começou por ser discutida em finais dos anos 60, altura em que se iniciou a primeira de muitas discussões sobre o estado geral do meio ambiente e as consequências da acção humana. Foi então em 1968 que surgiu a primeira Conferência Intergovernamental, UNESCO, sobre o uso e a conservação da biosfera onde teve lugar a uma das primeiras discussões sobre o conceito de sustentabilidade. Desde este importante momento sucederam-se vários eventos sempre marcados pela presença de representantes de vários países e grandes instituições que visavam validar uma série de compromissos de forma a garantir uma boa qualidade de vida a gerações futuras. Fica o registo de algumas datas de elevada importância que foram influenciando o percurso de determinadas políticas:

. 1969 – “Criação da ONG “Friends of the Earth” – Com o objectivo de proteger o planeta da degradação ambiental; conservar a diversidade biológica, cultural e étnica; e dar voz aos cidadãos para a protecção do ambiente.

. 1970 – “Primeiro Dia da Terra, EUA” – Marcado por manifestações pacíficas em defesa do ambiente com a participação de cerca de 20 milhões de pessoas.

. 1971 – “Criação da ONG “Greenpeace”, Canadá” - Foi criada a Greenpeace através do “lançamento de uma agenda para a protecção do ambiente, através de acções não-violentas da sociedade civil”.

. 1973 – “Crise do Petróleo” – desencadeou-se um debate sobre o uso excessivo dos combustíveis e o seu limite assim como as repercussões na indústria automóvel e aeronáutica e nas políticas de transportes.

. 1974 – “Alerta para o perigo da degradação da Camada de Ozono Estratosférico.”

. 1979 – Dá-se o acidente com a central nuclear Three Mile Island na Pensilvânia, EUA.

. 1982 – sente-se um forte abalo no sistema financeiro internacional anunciando uma década de 80 acompanhada por uma economia reprimida na América Latina e noutras regiões em crescimento. Ainda no mesmo ano é criada a Carta Mundial da Natureza que vem adoptar o princípio de que toda a forma de vida é única e deve ser respeitada, independentemente do seu \ valor para a humanidade. Apela para a importância de aprofundar o conhecimento relativamente à dependência da humanidade dos recursos naturais para que haja um melhor controlo na exploração dos mesmos.

. 1986 – Dá-se outro acidente, desta vez com a central nuclear de Chernobyl, União Soviética, provocando uma densa explosão radiactiva.

. 1992 – Cimeira da Terra, Rio de Janeiro – Conferência das Nações Unidas sobre Ambiente e Desenvolvimento presidida por Maurice Strong. Nesta conferência foram adoptados: oDeclaração de Princípios do Rio, o Agenda 21, o Convenção sobre Diversidade Biológica, o Convenção Quadro sobre Alterações Climáticas, e oDeclaração de Princípios sobre Florestas.

. 1997 – Protocolos de Quioto, Japão – Os Estados signatários da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Alterações Climáticas assinam o Protocolo de Quioto. Este acordo vem apelar à consciência dos chefes de estado criando limites no que toca à redução das emissões de gases com efeito de estufa e estabelece o "mercado de emissões" para os países desenvolvidos e o "mecanismo de desenvolvimento limpo" para os países em desenvolvimento.

. 1999 – "Our Forests...Our Future", Comissão Mundial das Florestas e Desenvolvimento Sustentável – Esta comissão propõe uma mudança na gestão das necessidades mundiais de produtos florestais e do valor dos seus produtos, de forma a dar uma resposta às mesmas sem por em risco as florestas.

2002 – Dá-se o acidente do Prestige na Costa da Galiza, um petroleiro que se parte e provoca graves consequências económicas e ambientais, para os bancos de mariscos e para as aves aquáticas.

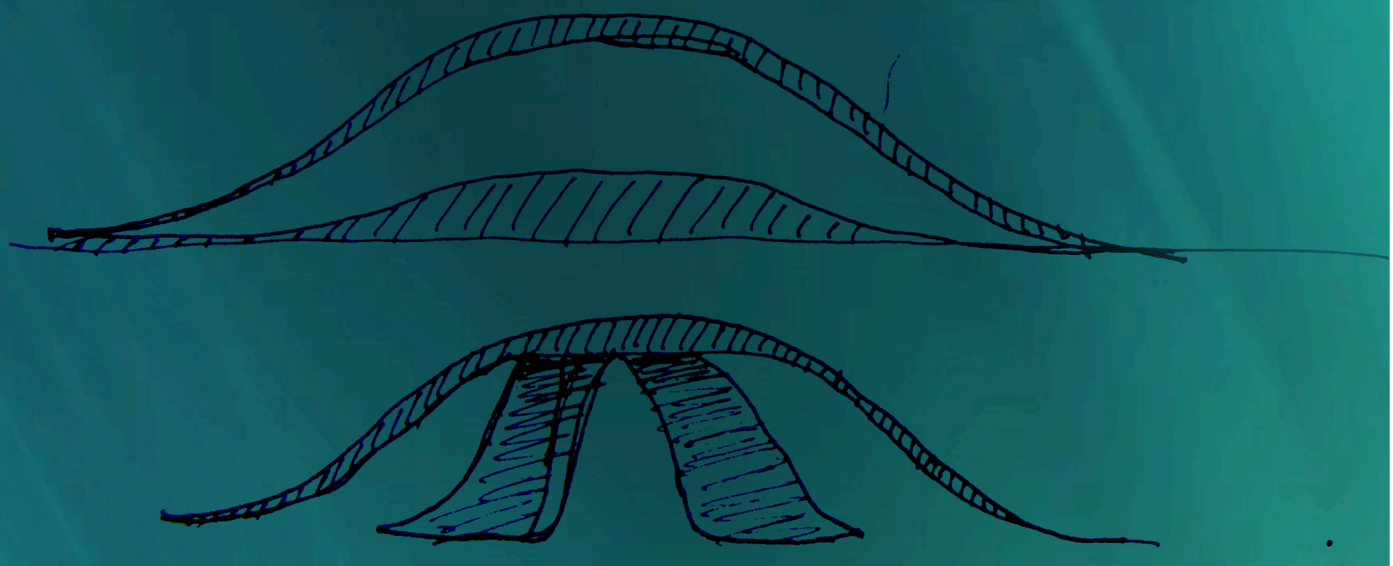
Em suma, podemos caracterizar cada década relativamente à evolução das políticas de ambiente: a década de 70 foi marcada pela criação do movimento ambiental; a década de 80 pela definição do desenvolvimento sustentável; a década de 90 pela implementação do desenvolvimento sustentável; e após 2000 foi marcada pela revisão da agenda e pela globalização.

Implementar a construção sustentável num nível geral pressupõe a compatibilização dessas infra-estruturas e das actividades humanas com o ambiente e os processos naturais. Transmitir esta problemática na sociedade actual revela-se uma prioridade. Segundo Livia Tirone (2007) no livro Construção Sustentável, irá garantir o conforto e sanidade de todos os que a habitam e assegurará uma utilização racional de todos os recursos, protegendo e potenciando o bom desempenho dos ecossistemas. Sensibilizar os cidadãos para que os mesmos ponderem reduzir as suas necessidades é uma ideia que parece distante mas não deixa de ser fundamental, já que afinal vivemos numa sociedade dependente do consumo excessivo onde já não se olha para o que é preciso comprar mas para os simples desejos de cada um. Criou-se num ciclo que dificilmente se ultrapassará, por isso os projectistas têm a responsabilidade de optimizar a oferta para que se produzam soluções e não um acumular de problemas.

A sociedade precisa de ser reeducada aos poucos através de subtis mensagens e actividades implementadas no dia-a-dia, para que seja incentivada a mudar de atitude. O simples facto de uma pessoa optar por ir para o trabalho a pé ou de transportes públicos ao invés de levar o seu carro, reduzindo a poluição por este produzida e fugindo às agoniantes filas de trânsito, cria uma postura sustentável.

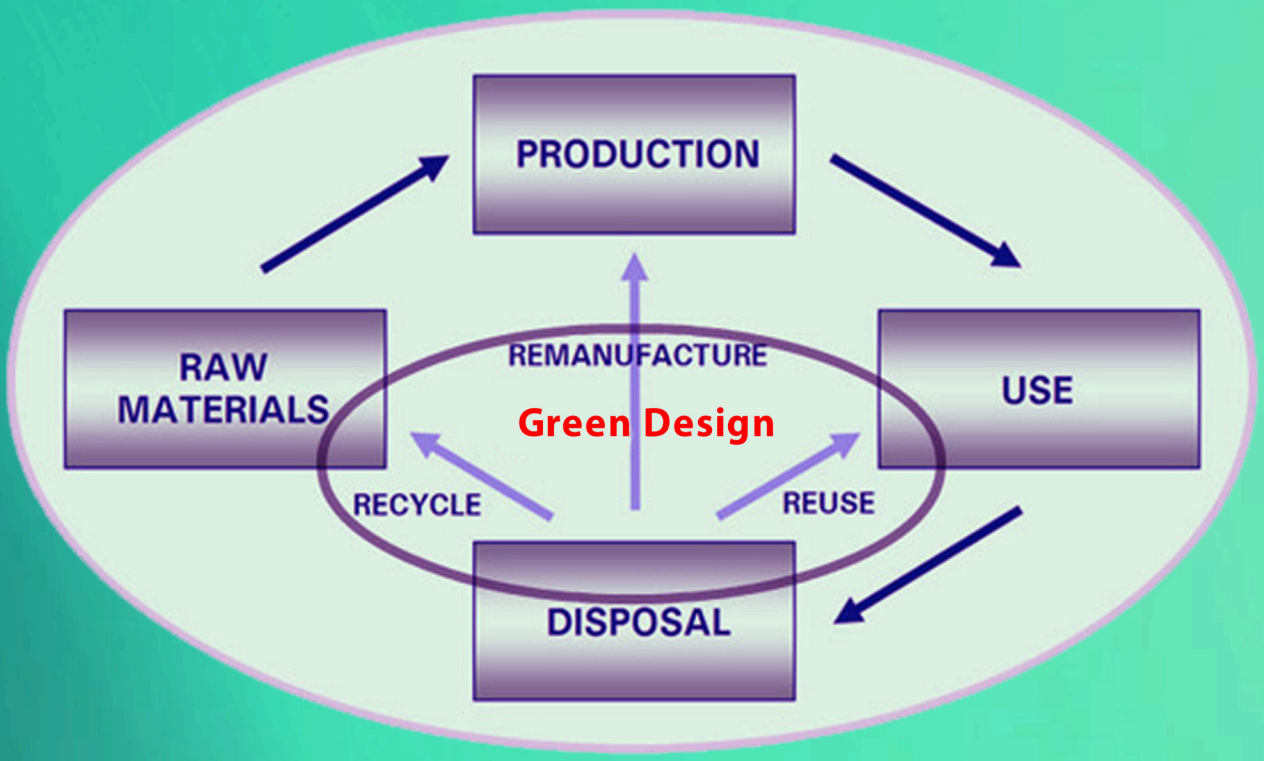
Mas o que é afinal o desenvolvimento sustentável? Este pressupõe a preservação do equilíbrio global e do valor das reservas do capital natural com o objectivo de responder às necessidades actuais sem comprometer a capacidade de as gerações futuras satisfazerem as suas próprias necessidades. Visa também gerir a distribuição e utilização por igual dos recursos entre as nações que deve partir de uma eficiência económica, equidade e pluralismo social e resiliência ambiental.

Numa abordagem inserida num contexto académico à construção sustentável e a sua relação com a sociedade actual e o turismo, é proposta a elaboração de um projecto que tem por base equipamentos urbanos multifuncionais numa perspectiva da arquitectura portátil, que interagem directamente com o espaço público e com o seu utilizador. O objectivo passa por tentar criar um "ponto de encontro" numa cidade, onde os visitantes possam usufruir de um espaço que propicia o convívio e aceder a uma base de informação sobre o local que estão a visitar, assim como deixar um marco da sua passagem.





Jardim botânico



O meio urbano e a sustentabilidade

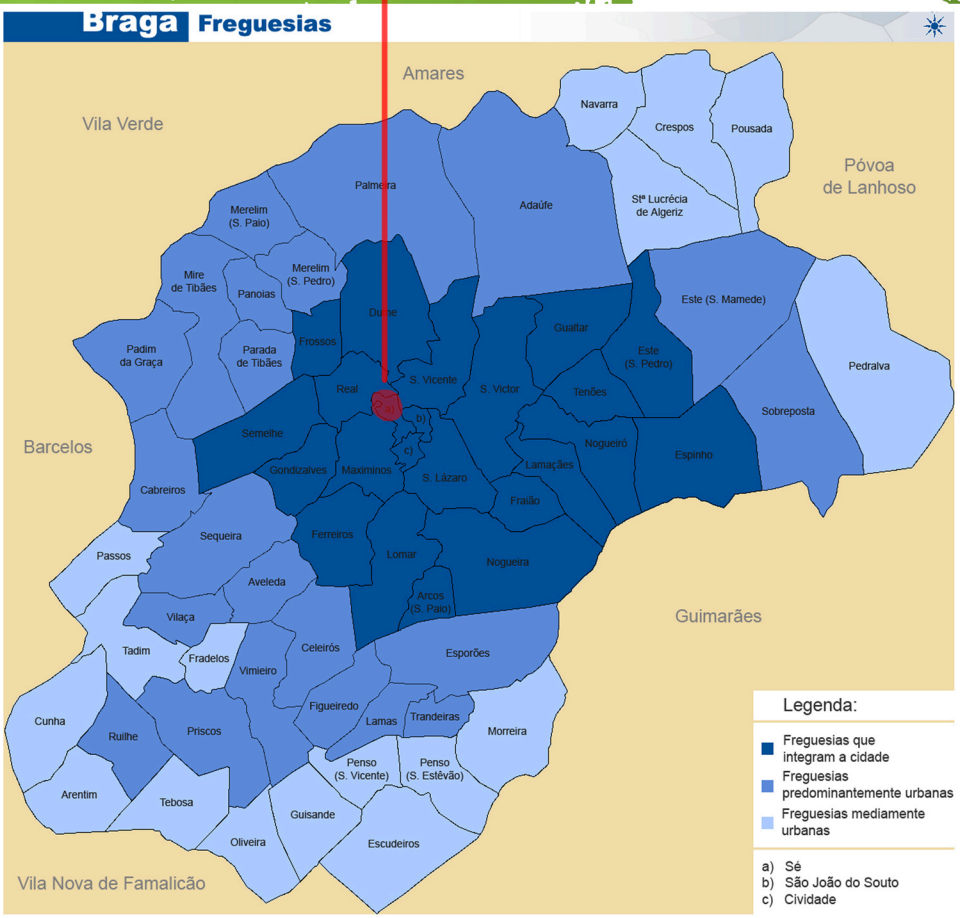
O crescimento do aquecimento global e os sinais que o mesmo apresenta são cada vez mais evidentes e mais preocupantes. Desde que começaram a ser usados os combustíveis fósseis para ir mais além no mundo dos transportes e realizar os desejos há muito criados, a destruir florestas tropicais para alastrar o 'império' da humanidade sem pensar nas espécies que estão a ser colocadas em risco, a multiplicar os aterros sanitários que são essenciais para garantir a saúde geral (caso contrário provocaria a propagação de epidemias) o que implica o uso de mais recursos (com a poluição que é produzida, os resíduos necessitam de passar por um tratamento para que não sejam tão nocivos para a saúde) e o uso de produtos químicos que poluem os mares todos os dias, as temperaturas iniciaram um processo de aumento que tem alterado consideravelmente o clima.

O impacto mundial é enorme e não só ameaça o ser humano como também todos os outros existentes e o próprio ecossistema.

É inevitável que ao abordar este tema se faça referência aos aspectos negativos como vêm descritos no livro A Green Vitruvius, 2001 "(...) a destruição da camada de ozono através dos clorofluorcarbonetos, a perda do habitat da vida selvagem e da diversidade através da poluição, da desertificação e dos abates de florestas, ou os níveis crescentes de dióxido de carbono causados pelas emissões dos sistemas de aquecimento dos edifícios e outros contributos."



Braga, 1594



Braga, 2011



A sustentabilidade depara-se, por isso, com vários obstáculos, um deles também muito influente é a migração para as cidades que acaba por exercer um excessivo consumo de recursos (cada vez mais requisitados por capricho) que se dirigem para a sua escassez. As cidades reúnem em si uma vasta oferta de trabalho e de outros tipos de conforto que por vezes o meio rural não consegue proporcionar, consequentemente, hoje os jovens casais que vivem em aldeias anseiam por uma oportunidade para se mudarem para as zonas urbanas, por isso vamos assistindo à desertificação de alguns meios rurais. Porém, a consciencialização parece aumentar e a sustentabilidade começa a ocupar um lugar de evidência na busca de tecnologias inovadoras e abordagens de design que proporcionem um retrocesso de todos estes efeitos prejudiciais. Assim, quando se pensa em projecto é essencial ter em conta três pontos indispensáveis: tecnologia (tecnologia energética, design e novas tecnologias); ambiente (saúde pública, gestão de consumo de recursos, etc.); e social (capital cultural, igualdade, economia, etc.). “Grande parte de um projecto sustentável envolve a redução do aquecimento global por meio da economia energética e o uso de certas técnicas, como a análise do ciclo de vida, com o objectivo de manter o equilíbrio entre o capital inicial investido e os activos fixos a longo prazo.”, em A Green Vitruvius, 2001.

Na perspectiva de Normen Foster (2007) há vários factores a ter em conta na construção de novos edifício. A orientação e concepção de edifício podem ser fundamentais para aumentar o ganho e de luz solar.

É possível através da conjugação de materiais e de janelas de vidros duplos estrategicamente posicionadas que, por um lado, fazem uma gestão do calor e, por outro, distribuem a luz dotando a habitação de uma boa iluminação natural. É importante garantir que grande parte do calor produzido pela casa seja mantida para que se possam dispensar os sistemas de aquecimento convencionais. Mas por vezes uma má aplicação do isolamento ou até mesmo uma má escolha de materiais acaba por dispersar o calor e contribuir para que a casa seja mais fria. Na verdade, "os edifícios com mais contributos naturais e menos artificiais são melhores. Os edifícios que têm luz natural são, em regra, mais agradáveis do que aqueles que são iluminados por meios artificiais; a ventilação natural, caso o ar puro esteja disponível a partir de um meio exterior tranquilo, é mais aceitável do que aquela que é feita por meios mecânicos; quanto menos forem os emissores de calor, tanto melhor (...)"

A Green Vitruvius, 2001.

"Para Vitrúvio, por exemplo, conforto e clima faziam parte do modelo triangular de firmitas, vestutas e utilitas (solidez, beleza e utilidade). Segundo Vitrúvio, a implantação das cidades, a disposição das vias e a orientação das edificações deviam ser determinadas por factores ambientais. Já no século I a.C., Vitrúvio sugeria que a verdadeira natureza do projecto arquitectónico seria actuar como agente mediador entre o conforto interno e o ambiente externo. Para Vitrúvio, a arquitectura desempenhava um papel fundamental no sentido de explorar os recursos naturais, como a iluminação solar e a ventilação natural, em vez de excluí-los." O Guia Básico Para a Sustentabilidade,

Brian Edwards (2005).

No seio deste 'boom' de conceitos ao qual é impossível escapar, há um factor importante que não deve passar despercebido: a estratégia de marketing que tem sido criada à volta das novas preocupações. A banalização de termos como ecologia, a sustentabilidade, etc., por parte de inúmeras empresas com a intenção de atrair a atenção do consumidor de uma forma mais eficaz não deve ser abusiva, deve ser implementada nos ideais da empresa para que possa haver uma abordagem saudável no seio do público-alvo. É importante haver uma contribuição conjunta para que se instrua a população acerca destes ideais.

Ao adoptar conceitos como os acima mencionados é necessário não esquecer que, por vezes, o projecto pode não ser compreendido por (esteticamente) respeitar um maior número de regras, todavia não está privado de apresentar uma visão mais alternativa. A estética da ecologia deve surgir naturalmente sem medos para se ir inserindo gradualmente na sociedade.

Surge agora um cruzamento de diferentes épocas e mentalidades que nos fazem reflectir e levam ao encontro a Heidegger e o existencialismo. O que é agora uma busca compulsiva pelo progresso e pelo bem-estar do planeta reflecte-se como um retorno às origens e à forte ligação com a natureza. Tal como é mencionado por livro Iñaki Ábalos (2001) no livro A boa – vida de, o habitar existencial ergue-se contra a cidade moderna, contra aquilo que leva ao aniquilamento da natureza. A casa existencialista representa uma relação equilibrada com a natureza onde se encontra o respeito mútuo.

Contudo, esta filosofia de vida vive do passado, das memórias contra a banalidade do presente e hoje com a abordagem de novos conceitos há que pensar mais além: o impacto das edificações. Estas têm uma longa vida útil, o que representa um obstáculo forte para o desenvolvimento sustentável.

Segundo o autor do livro O guia básico para a sustentabilidade, B.Edwards vida útil média das diferentes partes da construção é de mais de 50 (2005), a anos para as edificações, mais de 500 anos para as cidades, entre outros.

Quando se projecta um edifício para além da sua vida útil devemos calcular também os investimentos enormes que uma construção traz consigo:

. "60% de todos os recursos mundiais são destinados à construção (estradas, edificações etc.)."

."Cerca de 50% da energia gerada são utilizados para aquecer, iluminar e ventilar as edificações, além de 3% usados na sua construção."

."50% da água usada no mundo são destinados ao abastecimento de instalações sanitárias e outros usos nas edificações."

."80% do melhor solo cultivável são utilizados na construção civil e não na agricultura, e grande parte do restante é perdida como consequência de inundações causadas pelo aquecimento global."

"60% dos produtos madeireiros mundiais são utilizados na construção de edificações, assim como cerca de 90% das madeiras duras." (B.Edwards, 2008)



Arranha-céus Plaza 66, Xangai - China.



Barragem do Lindoso, Braga - Portugal.

A abordagem do conceito sustentável deve ser amplificada de modo a abranger questões sociais e culturais. É preciso contrariar a tendência de edificar projectos que não façam sentido, caso contrário as cidades ficarão cheias de prédios vazios que por vender (o que já se tornou numa realidade). Quando se tratam de novas escolas e hospitais, por exemplo, são instituições que vão ajudar a responder com mais eficácia às necessidades dos cidadãos e, ao mesmo tempo, vão assegurar os seus empregos.

Com a melhoria da qualidade de vida a que se tem assistido, a população vem aumentando assim como a esperança de vida – Portugal é constituído por uma grande parte de população idosa que cada vez consome mais e se torna mais dependente de aquisições como o ar condicionado, iluminação, transporte e de outro tipo de ajudas. Consequentemente a produção de alimentos aumentou bastante nas últimas décadas, o que acaba por não ser muito animador dado que a expansão urbana se tem apoderado do território agrícola. Contudo, como hoje está disponível um vasto leque de novas tecnologias é possível utilizar técnicas nunca antes pensadas, o que ajuda no aumento da produtividade agrícola. Educar a sociedade consumista através de uma cultura de redução é agora primordial.

Seguindo estes ideais, será pertinente entrar pelo campo da arquitectura portátil. Esta "(...) é uma forma inteligente de habitar um ambiente num determinado lugar e tempo, capaz de reagir e interactuar com as crescentes mudanças sociais e culturais, cidades complexas, territórios incertos, limites imprecisos, estruturas que se alteram... Todos estes fenómenos e processos multifacetados

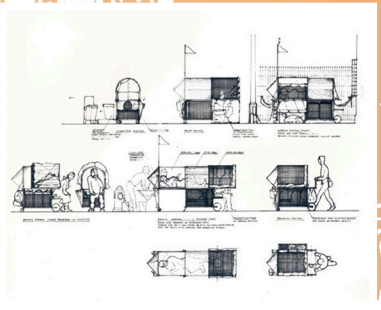
contemporâneos necessitam de uma arquitectura mais flexível e aberta.", Pilar Echavarría M. no livro Arquitectura Portátil – environnements imprévisibles (2008). Na mesma obra salienta as inúmeras aplicações e usos possíveis, desde casas ou até mesmo comunidades rurais, situações de emergência, entre muitos outros exemplos. Existem projectos que levam infra- estruturas e oferecem serviços onde ainda não existem, outros que se caracterizam como críticas à sociedade urbana tal como Pilar Echavarría M. refere no livro acima mencionado: "Arquitecturas políticas, críticas, sociais; interessadas em habitantes de resíduos espaciais da cidade, lugares ausentes, realidades complexas e extraordinárias que não são aceites ou por vezes simplesmente ignoradas, mas sempre presentes em cada cenário urbano."

Muito se pode dizer acerca deste tema que desde cedo se mostrou bastante experimental e versátil desde o século XX. "Os tempos de guerra e a arquitectura de emergência impulsionaram sempre o desenvolvimento de novas técnicas, reduzindo o foco no desenho estético, mas gerando engenhosos desenhos, novos materiais, estruturas cada vez mais levianas e de fácil montagem, casas económicas e temporais, estruturas insufláveis: é a construção da reacção mais precisa entre forma e vida." O papel de um arquitecto ou um designer passa por criar uma espécie de habitat artificial para servir as necessidades humanas, mas não se pode esquecer que existem milhares de outros seres vivos que dependem das suas atitudes, por isso esses habitats devem satisfazer também as necessidades de outras espécies.

O projecto não deverá ser 'agressivo', por conseguinte deve incluir no seu processo a noção de que é essencial minimizar os impactos na natureza e criar uma ponte de contacto com o utilizador, logo pormenores como a plantação de árvores, coberturas e pátios jardinados, a utilização de materiais locais e reciclados, entre outros, representam um importante ponto a ser valorizado.

No ramo dos pequenos habitats o Homeless Vehicle Project de Krzysztof Wodiczko "(...) foi concebido como resposta às necessidades imediatas de uma vida nómada na envolvente urbana de Nova Iorque. (...) Não se trata de um produto terminado: foi concebido como ponto de partida para uma futura colaboração entre desenhadores e os potenciais usuários. (...) Foi desenhado para romper literalmente as fronteiras entre comunidades urbanas economicamente segregadas. Ao intervir no espaço, estabelece-se como um provocante meio de comunicação entre os sem-abrigo e os com-tecto.". Arquitectura portátil – environnements imprévisibles-, Pilar Echavarria M., 2008.





Homeless Vehicle Project,Krysztof Wodiczko, 1988.

O curso natural da Terra passa por absorver uma determinada quantidade de energia da radiação solar com a ajuda de gases que são benéficos. Todavia, a produção desse tipo de gases tem vindo a ser alterada pelas incalculáveis quantidades adicionadas geradas pelas actividades humanas contribuindo para o aumento da energia solar absorvida pela Terra. As consequências serão visíveis através do agravamento das temperaturas mundiais em 4o C nas próximas décadas.

Grande parte das nossas acções dependem da combustão dos combustíveis fósseis que libertam CO2 quando o ideal seria gerar toda a energia necessária por meio de fontes renováveis. Com a Revolução Industrial, deu-se um fenómeno económico mundial que levou à difusão da riqueza que contribuiu para que a população passasse a ter um maior poder de compra. Com a energia a um preço mais acessível, a sua utilização (e tudo o que dela advém) aumentou consideravelmente.

No livro A Green Vitruvius é feita referência à primeira crise petrolífera, que se deu em 1973, que levou os governos a reflectirem e a procurarem fontes alternativas e seguras de energia assim como a reduzirem a denunciada dependência de combustível importado. Porém, esta iniciativa que trazia consigo uma mudança perdeu a garra e foi-se desvanecendo até resultar numa nova crise, agora em 1979. Existem outras opções onde uma delas, a conversão de carbono, é uma boa forma de verificar a capacidade de absorção do solo através das árvores e florestas em termos de energia que tem como base converter CO2 em oxigénio por meio da fotossíntese, sendo essencial que as pessoas continuem a plantar árvores. Com a subida de temperaturas as transformações climáticas serão cada vez maiores e vários sistemas serão afectados. Para atenuar esta tendência os edifícios começam a oferecer melhores características construtivas (relativamente à qualidade de materiais,

a um isolamento mais eficaz e um sistema de instalação que seja adaptável ao progresso das tecnologias).

Um edifício que tenha um bom sistema de isolamento será mais prometedor quanto à sua durabilidade sem deixar de contribuir para o uso quase nulo de energia. Um projecto sustentável é precisamente uma integração de um conjunto de várias características (de função, qualidade da edificação e impacto) que em conformidade umas com as outras possibilitam à construção a capacidade de gerar valores mais positivos durante um período mais longo de tempo com os recursos existentes.

Do ponto de vista de alguns autores, chega-se à conclusão que o aumento da densidade populacional nas áreas urbanas acaba por ter, de um certo modo, aspectos positivos pois possibilita a manutenção das redes de transporte público, melhora o microclima urbano e aumenta a eficiência energética das edificações (obviamente que edifícios comerciais são excepções pois tendo outras necessidades como uma determinada área para a refrigeração e ventilação, a compressão só vai contribuir para o aumento do consumo de energia em vez da sua redução).

Assim, surge um ponto de elevada importância (referido por Brian Edwards) que, cada vez mais, deve estar presente em todos os processos de desenvolvimento de projectos: os quatro "R". Reduzir, reutilizar, reciclar e reabilitar são conceitos que se apresentam logicamente interligados, contudo o último surgiu mais recentemente devido à elevada necessidade de aproveitar as edificações antigas ao invés de as deixar ao abandono contribuindo para uma maior poluição e, consequentemente, maior número de construções.



Devemos então começar por reduzir a utilização de recursos não renováveis, como os combustíveis fósseis, a água, os minerais, o solo agrícola e os depósitos geológicos, de maneira a proporcionar maiores reservas para as gerações futuras. "A estratégia de redução, apoiada por normas de construção mais rigorosas, tanto para as edificações preexistentes quanto para novas construções, é uma condição necessária para o bem-estar ecológico mundial." As edificações e cidades criadas convertem-se automaticamente em capital fixo. Os recursos e os investimentos necessários devem ser calculados e adaptados para que estas construções não se cheguem juntar ao grande conjunto de obsoletos, mas possam ser reaproveitados para que sejam novamente valorizados do ponto de vista social. "Quando uma edificação não puder ser reutilizada integralmente, os seus elementos construtivos devem ser projectados para que possam ser reutilizados.", O Guia Básico Para a Sustentabilidade, Brian Edwards (2005).

Na sua obra, sugere que a edificação seja construída de uma forma específica para que fique apta para a reutilização. Desta forma, deverá obedecer aos seguintes requisitos:

. Aproveitamento da iluminação e ventilação naturais (proporcionando a poupança de energia);

. Bem equipada de infra-estruturas variadas (transportes públicos, serviços, etc.);

. Liberta de materiais tóxicos;

. Bem construída, dando preferência aos materiais naturais e locais;

. Reunir em si um conjunto de espaços interessantes e com personalidade;

. Com acesso a fontes de energia renovável (solar e eólica).

A reciclagem " (...) envolve a recuperação de partes úteis de um material pela sua extracção e reprocessamento (...) " que embora acabe por consumir energia nos processos de transformação, é preferível do que perder totalmente o material, o que acabará por trazer maiores consequências. Materiais como o aço, o alumínio, o chumbo e o cobre são habitualmente reciclados devido ao seu alto nível de energia integrada.

As cidades de hoje estão sobrelotadas, o que obriga a um aumento da construção ampliando em paralelo a área da cidade tendo como consequência a ocupação de novo terreno. Durante décadas, assistimos ao degradar de inúmeras edificações contribuindo, entre muitos outros, para um aspecto visual bastante negativo. A cidade de Braga, por exemplo, tem vindo a trabalhar numa recuperação do centro urbano requalificando e reabilitando os edifícios antigos de forma a conquistar novamente a população para o centro.

Não só a reabilitação se apresenta como uma das soluções para os edifícios, como para o solo contaminado de antigas industrias que necessita de um processo mais complexo e demorado.

O desafio passa por adaptar os valores culturais aceitando " (...) a transformação que a evolução da sociedade nos exige, rumo ao desenvolvimento sustentável. Neste sentido, é importante facilitarmos a implementação de todas as medidas que promovam a atractividade e a optimização do desempenho energético-ambiental do meio edificado, incentivando a sua reabilitação e revitalização." Construção Sustentável, Livia Tirone (2007).

Ao manter vivas as raízes de cada um surge um fio condutor que recorda que é hoje que é essencial assegurar às novas gerações um futuro melhor do que aquele que está previsto. Segundo Peter Zumthor (2006) no livro Atmosferas nunca nos podemos esquecer que esses mesmos objectos vão passar a fazer parte da vida das pessoas, e estas são seres que absorvem e assimilam tudo de uma forma negativa ou positiva. Isto reflecte-se depois na vida de cada uma.



Nova Iorque,EUA

O espaço público ao longo dos séculos

Quando se aborda a temática espaço público, invariavelmente se interpreta a noção de viver a cidade.

Desde a Mesopotâmia meridional em 3.500 a.C. com Uruk, a primeira grande cidade da história, que o espaço público se assume como um dos elementos estruturais mais importantes, encontrando sempre destaque ao longo da história, seja nas ágoras gregas, nos fóruns romanos, ou nas praças renascentistas.

Era através destes espaços que se despertava as sociedades, que se podia questionar, passar mensagens e sensibilizar. A cidade grega, segundo Aldo Rossi no livro A Arquitectura da Cidade é um dos melhores exemplos para a sua época sendo " (...) caracterizada pelo facto de se desenvolver do interior para o exterior e serem o seu elemento constitutivo as habitações e o templo; somente após o período arcaico e por motivos puramente defensivos, as cidades gregas são muralhadas e em caso algum são o elemento primitivo da polis." Os elementos fundamentais e geradores da cidade como " (...) o templo e os órgãos da vida política e social" conhecidos por boulé, ecclesia, areópago, ginásios, teatro, estádio, etc., eram rodeados por áreas de residência. " A residência participa de facto, activamente, na formação da cidade grega, constituindo o seu desenho de fundo através do qual nos damos conta dos factos principais."

A ligação da polis com os cidadãos e com o território é muito forte, pois representa a morada dos seus habitantes assim como da sua actividade, funcionando como uma cidade-estado.

Em todos estes momentos, a arte esteve presente, com maior ou menor importância, foi sendo marcando o seu espaço, cooperando e sendo ela também espaço público. No mundo global, a arte no espaço público deve contribuir para fortalecer aidentidade e o reconhecimento das particularidades das cidades.

Pelo menos é isso que desejam os actores envolvidos na esfera política local.

É também nas pesquisas urbanas que se tende a discutir a arte pública a partir de pontos de vista racionais e objectivos. Será essa racionalidade objectiva e instrumental a mais adequada para a análise da produção artística nos espaços públicos urbanos?

Busca-se compreender como as perspectivas artísticas se coadunam ou não com as expectativas colocadas pelas políticas de desenvolvimento urbano. Dessa forma, objectiva-se ampliar a compreensão para a problemática proposta, evidenciando o potencial das práticas artísticas e os efeitos que as obras de arte podem provocar no espaço público das cidades.

Actualmente, são inúmeras as disciplinas que assumem a cidade como um objecto. Objecto de estudo, objecto de intervenção.

Acumulam-se reflexões que dão ênfase a problemáticas relativas a produção, percepção, uso e o significado que o espaço urbano deve ter para quem com ele se relaciona. Esta intervenção permitiu ampliar o conjunto de saberes e abrir espaço a novas poéticas sobre o território, reconsiderando a paisagem urbana como um elemento dinamizador, capaz de despertar emoções e sensibilizar os seus actores.

É com estas intervenções em espaços já feitos, que se pretende de alguma forma reconstruir, porque qualquer intervenção pretende sempre transformar, conceber algo de novo. O projecto actua sobre uma circunstância presente, que embora sendo feita de passado, tem aspirações para um lugar futuro diferentes do presente.

Perceber o porquê, para quê e de que forma. A importância da mensagem assume um papel importantíssimo, pois é no sucesso desta que a intervenção ganha sentido. Recentemente, a marca Volkswagen patrocinou uma série de eventos que tinham como objectivo tornar algumas acções do

dia-a-dia mais divertidas e com isso estimular a realização das mesmas. Simples gestos como colocar o lixo no contentor, subir pelas escadas do metro, evitando os elevadores, fazer de espaços de espera locais interactivos e até respeitar velocidades de trânsito. Em todos estes projectos, a simples adição de elementos sonoros e visuais em espaços urbanos permitiu registar um aumento considerável das acções pretendidas, garantido assim para os seus utilizadores uma sensação de satisfação.

A qualidade dos lugares em que vivemos tem um impacto sobre todos os aspectos da vida. Quão bem eles são projectados irá influenciar o modo como nos sentimos seguros. É essencial que os locais a criar e melhorar incorporem os princípios de bom desenho urbano. Um bom desenho urbano é essencial para a lugares que são sustentáveis em todos os aspectos: lugares que criam valor social, ambiental e económico. Assegurar um processo projectual consciente deve ser uma prioridade de todos os envolvidos na formação e manutenção do ambiente construído.

Remontando aos tempos da antiguidade clássica, é aqui que a noção de cidade se desenvolve articulada com a noção de espaço público. São estes novos espaços que possibilitam viver na, para e com a cidade. Locais com flexibilidade aparente, imensas valências que visam satisfazer tanto os habitantes locais, como visitantes e demais pessoas que frequentem estes espaços. O desenho destes locais era articulado com eixos, desenvolvido de acordo com noções do geral (urbanismo) e possibilitando a produção de informação, conhecimento e registos. Se na cidade antiga a regra era a sedentariedade e a mobilidade em seu complemento, na cidade emergente, a mobilidade ganha significado nas relações sociais e espaciais, e nas redes de apropriação do território e da sua representação. Se na cidade antiga as

relações sócias e funcionais ocorriam entre o quarteirão/ vizinhança e num centro único, hoje em dia, a cidade, a mobilidade e o poli centrismo alimentam a possibilidade de escolha pessoal.

A proximidade já não é uma questão espacial, mas temporal. Todos estes dados, fazem com que o conceito de espaço público viva numa constante metamorfose.

As cidades, com a sua complexidade e diversidade, são o auge de relações entre várias formas de vida. São elas, um espaço privilegiado de produção e circulação de informação, de conhecimento e de inovação, um espaço capaz de concentrar potencialidades e problemas, o bem e o mal.

O espaço público terá obrigatoriamente que ser mais que um espaço pensado numa óptica urbanística, de forma a optimizar qualidade e variedade de vivências cruzadas. Falar de afectos, expectativas, memórias, barreiras, é tocar de forma crescente na aleatoriedade das vivências urbanas, num contexto em que a cidade é vista como um íman de contrastes tal como esperança e desalento, alegria e angústia, tudo e nada.

O espaço público não será o corpo destes factos, mas assume-se como o palco e motor para o desenvolvimento do conceito de viver a cidade.

Existem muitas cidades e todas elas com características muito particulares. As maiores acabam por reunir mais que um centro, enquanto que as mais pequenas tem apenas um. Geralmente o centro é o ponto da cidade mais antigo onde em tempos remotos se realizavam actividades e eventos, como as feiras, etc., que contribuíram para o fluxo abundante dos cidadãos. Ainda hoje se pode verificar esta situação devido ao facto de normalmente ser uma zona essencialmente comercial, o que leva as pessoas a frequentar a mesma para irem trabalhar ou apenas por lazer. Estas metrópoles foram crescendo descontrol adamente arrasando a natureza em seu redor. Tem-se vindo a assistir, cada vez mais, a uma redução do "verde" que abraça o planeta por culpa dos grandes blocos de betão. Com a deslocação da população do meio rural para o urbano a construção aumentou de uma forma desapropriada e, na maior parte dos casos, questões como a distância entre os edifícios, espaços verdes, entre muitas outras, ficaram esquecidas (com a excepção de casos raros como, por exemplo, a cidade de Brasília). Um factor que teve muito peso neste tipo de desenvolvimento foi o aparecimento do carro, esta invenção que agora faz parte incondicionalmente da população, e da sua rápida invasão que veio condicionar o formato das cidades. No entanto, as mentalidades diferem, por exemplo, como refere Norman Foster (2007) na sua conferência sobre a Green Agenda no TED, a cidade norte-americana Detroit é muito dependente do carro. Esta alarga-se em anéis de estradas que abatem o espaço verde e estão constantemente congestionadas, o que contribui para o aumento do consumo de energia. Contrariamente a estes ideais Norman dá um exemplo de Norte da Europa, Munique, que apenas usa um décimo de energia por haver uma grande aderência à utilização das bicicletas como meio de transporte e até mesmo por uma grande parte da população optar por andar a pé.

A determinada altura começámos a assistir a uma grande mudança nos centros históricos das metrópoles portuguesas ao transformar as faixas de rodagem em zonas pedonais. As pessoas passaram a ter a liberdade de caminhar livremente sem terem os passeios como limite. Este tipo de intervenção revelou-se muito bem-sucedida aliando a si uma maior produtividade e expansão do comércio tradicional, tendo como princípio fundamental conquistar novamente os habitantes para os centros históricos há muito abandonados. Podemos encontrar vários exemplos ao longo do país, como a cidade de Braga, Porto e Lisboa (entre muitos outros).

"(...) existem épocas, ou períodos de tempo, mais ou menos longos, em que as cidades se transformam muito mais rapidamente que noutros: Paris com Napoleão III, Roma durante a sua ascensão a capital da Itália e em todos os casos em que as transformações são rápidas, impetuosas, aparentemente imprevistas." Cada uma no seu momento agrupam transformações, modificações e simples alterações como "(...) fenómenos particulares, acidentais como as guerras ou as expropriações, podem abalar em pouco tempo, situações urbanas que pareciam definitivas(...)".

Grande parte das cidades existentes não cumpre um vasto número de requisitos, particularmente quando se trata de proporcionar uma boa qualidade de vida dos seus cidadãos. Neste sentido, seriam talvez mais valorizadas se implementassem determinadas características como a existência de espaços verdes, que podem adoptar diversos formatos e escalas como parques, jardins, zonas de lazer e espaços que oferecem inúmeras opções de actividade, sempre acompanhados por um bom sistema de acessibilidades – às zonas de comércio, escolas e até mesmo aos locais de emprego - e, acima de tudo, um plano de construção bem estruturado que possa facilitar o fluxo de trânsito.



Central Park, Nova Iorque, EUA.

É fundamental proporcionar ao ser humano este tipo de ofertas, não só para uma melhor saúde psicológica, física e social mas também por contribuírem para a redução da poluição e "a criação de zonas de vida selvagem". Na verdade, "a vegetação e a água modificam a humidade, a temperatura do ar, a insolação, o ruído e a poluição do ar", o que ajuda a moderar o microclima local. Ao questionar a localização de um equipamento deve-se salientar os pontos considerados mais relevantes, são eles: a amplitude do local específico para a intervenção, o fluxo de pessoas e a existência de espaços verdes (o que eventualmente pode ser contornado).

A natureza é fundamental para a sobrevivência e bem-estar do ser humano, portanto é essencial que faça parte do espaço urbano assim como a luz solar mesmo que se apresente como um apontamento – quando uma pessoa tenciona comprar uma casa deve debruçar-se sobre estes aspectos.

Quando é proposta uma intervenção no espaço público urbano caminha-se para um campo onde é preciso ter alguma precaução. O projecto deverá ser apresentado e compreendido por parte dos cidadãos de maneira a que os mesmos o recebam como uma mais-valia para o seu bem-estar e conforto.

De um modo geral, podemos dizer que o espaço público constitui a forma histórica da mediação, possibilitando e constrangendo em simultâneo a visibilidade da política. Essa limitação tem que ver com as condições próprias da modernidade. Apesar das semelhanças formais com a ágora grega, há uma diferença que se revela decisiva: o espaço público é abstracto e deslocalizado, tendo limites extremamente flutuantes, algo que não se verificava no espaço grego ou medieval, que era concreto e localizado. Sendo abstracto, atravessa todos os limites que as culturas lhe colocavam.



Rua de Sta Catarina, Porto, Portugal.



Praça D.Pedro IV,Lisboa, 1920.

Desde cedo que a sociedade começou a interagir entre si através de pequenos eventos como a venda de alimentos, festas, desportos, entre muitos outros. Com esta afluência, começou a ser desenvolvido todo um ambiente de passeio e diversão adornado por fontes e jardins que marcavam um dos principais pontos das cidades. A evolução do Homem e das tecnologias conduziu a uma grande mudança no século XIX que marcou formalmente as cidades e também toda a sociedade, a revolucionária máquina de Henry Ford: o automóvel. A industrialização veio revolucionar o mundo apresentando a máquina como o grande substituto das tarefas que eram realizadas manualmente dando lugar à standardização.

Desta forma, ao introduzir uma maior rapidez nas deslocações da população, apresentou-se como um ponto de viragem tornando os transportes cada vez mais comuns, o que influenciou a disposição e tipologia da cidade e levou a desenvolver o centro em sua função sendo criadas grandes avenidas,

substituindo, assim, os jardins que outrora eram tão valorizados. As cidades foram crescendo, mas os espaços verdes foram diminuindo convertendo-se em "selvas de betão", como é referido por Manuel Graça Dias (2006) no livro Manual das Cidades. A sua importância acabou por ser ignorada e a sua existência tornou-se quase nula sendo, no entanto, contrariada por pequenos nichos de relva que se apresentam, ainda hoje, como separadores das vias de circulação de automóveis, ou até mesmo as árvores rigorosamente colocadas em pequenas caixas de cimento que acompanham os passeios por onde as pessoas circulam. Estes exemplos são muitas vezes apresentados como prova de que as cidades têm espaços verdes, o que, na verdade, acaba por ser caricato e conduz a uma reflexão profunda dos valores que se apresentam.



Castelo Branco,2010.

O ESPAÇO PÚBLICO NA CIDADE CONTEMPORÂNEA

O conceito do espaço público urbano não se resume a uma situação específica pois reúne em si um vasto conjunto de contextos, como por exemplo: parques, praças, centros comerciais, etc.. No entanto, alguns são desvalorizados caindo no esquecimento embora também façam parte do grupo anterior, como é o caso dos espaços que nascem devido às construções edificadas. Esses vazios entre os edifícios acabam por se tornar abandonados e perigosos.

Na procura de respostas para contornar estes casos vão nascendo novas ideias que vêm dinamizar variados locais, como é o caso do pavilhão Lougin', de SAAS Architecten, que se apresentou em Rótterdam como um espaço móvel de exposição temporária que funcionou como ponto de informação para a comunidade local através de apresentações de multimédia acerca novos projectos de desenvolvimento urbano da cidade, referenciado na obra Arquitectura Portátil – environnements imprévisibles-. Como explica Pilar Echavarria M. neste mesmo livro, "O esquema consiste numa estrutura de aço coberto com policarbonato translúcido. Este marco sustém cinco cabinas revestidas com poliéster vermelho intenso que evocam uma luxuosa sala de hotel. A forma destes espaços rotos, geram diversas posições nas quais o habitante se pode sentar ou estender, convertendo-se em parte da exposição."

Outro exemplo apresentado no livro acima referido é a STORE HOUSE, de Jennifer Siegal – OMD, "uma unidade modular (...), fabricada em titânio com alas revestidas de tecido." Tem como fim expor esboços e modelos arquitectónicos que são colocados aleatoriamente permitindo a observação dos mesmos de forma individualizada.

A sua base pode ser utilizada como banco proporcionando comodidade aos visitantes.

Como já foi exposto anteriormente, os espaços de convívio têm adoptado diversas formas e tipologias, como é o caso dos que são desenvolvidos no interior, os famosos shoppings.

Não se pode afirmar que seja um espaço público, pois este tipo de estabelecimentos pertence a empresas privadas que, embora proporcionem um espaço alternativo de convívio, controlam de certa forma todos os seus frequentadores assim como o tipo de utilização, através de seguranças que percorrem diariamente todo o perímetro e videovigilância. Os centros comerciais concentram uma grande parte do comércio e diversão: lojas de roupa, restauração, hiper-mercados, até mesmo cinemas, etc. Resume-se a um espaço contemporâneo onde se junta um grande número de pessoas para fazer compras, almoçar/jantar, para irem ao cinema ou simplesmente para conviverem.

Talvez possamos fazer também referência aos parques temáticos como um exemplo. Tratam-se de locais que, embora limitados por um pagamento para o seu acesso, simulam mundos, cidades, histórias oferecendo aos utilizadores momentos únicos de convívio e diversão. Dois dos exemplos mais conhecidos em todo o mundo serão a Eurodisney na França e a Disneylândia nos USA. As pessoas vivem numa constante busca pela quebra da rotina, do dia-a-dia, assim leva-as a dar preferência por sítio onde possam descansar enquanto observam o mundo à sua volta alienando-se da realidade, da sua realidade.

A sustentabilidade urbana tem tido um marco importante nas questões políticas o que proporcionou uma maior exploração de novas hipóteses. Assim, foram surgindo bairros de moradias que foram oferecendo como vizinhos integrados pequenos pontos de serviço, numa tentativa de aproximar os moradores e assim construir um capital social onde haja um grande espírito de interacção.

No entanto, neste tipo de casos, embora seja criada automaticamente uma maior resistência ao crime e ao comportamento anti-social, surge em simultâneo uma espécie de monocultura que pode proporcionar atritos entre a pequena população do local e alguns visitantes. Todavia, os pequenos conflitos do dia-a-dia que surgem entre as pessoas devem ser encarados como algo positivo, uma forma saudável da sociedade se conhecer, compreender e acomodar.

É fundamental que as pessoas tenham um sentimento de pertença pelo local onde vivem ou frequentam. Este sentimento encaminha-nos automaticamente para duas ramificações distintas mas muitas vezes confundidas: os lugares e os não-lugares. Na obra Não-Lugares de Marc Augé (1994) um lugar é "(...) o que ocupam os indígenas que aí vivem, trabalham, o defendem, lhe marcam os pontos-chave, vigiam as suas fronteiras, mas também identificam nele os vestígios das forças tónicas ou celestes, dos antepassados ou espíritos que lhe povoam ou animam a geografia íntima, como se a pequena parte da humanidade que, naquele lugar, lhes dirige oferendas e sacrifícios, fosse também a sua quintessência, como se só existisse humanidade digna desse nome no próprio lugar do culto que lhes é consagrado."

Quando se trata de um lugar o indivíduo apresenta naturalmente uma relação mais próxima e interactiva com o mesmo.

Contudo, os não-lugares nem sempre estão desprovidos de uma relação, por mais técnica que seja, entre o indivíduo e o local como é o caso das caixas de multibanco que reúnem um conjunto de frases estereotipadas. Numa das passagens da obra de Marc Augé, a personagem Pierre Dupont pretende levantar dinheiro do multibanco, ao qual se dirige e "o aparelho aceitou o cartão e autorizou-o a levantar mil e oitocentos francos. Pierre Dupont carrega na tecla 1800.

O aparelho pediu-lhe um pouco de paciência e depois entregou-lhe a quantia estipulada, lembrando- - lhe que retirasse o cartão. «Obrigado pela sua visita», concluiu ele, enquanto Pierre Dupont guardava Todavia, esta regra também oferece excepções pois existem indivíduos que têm por hábito frequentar o aeroporto semanalmente para tomarem um café com um amigo, e neste caso, há uma transformação de um não-lugar para um lugar. "O lugar concretiza-se pela palavra, pela troca alusiva de algumas palavras de passe, na convivência e na intimidade cúmplice dos locutores."

Cada pessoa faz o lugar.

Cada pessoa constrói o espaço urbano de convívio.



Museu de Serralves, Álvaro Siza,1999.

O ESPAÇO PÚBLICO E A RELAÇÃO COM A NATUREZA

Os espaços de convívio (assumidos como zonas ao ar livre) são fundamentais para a saúde física e mental da população. O contacto com a natureza e até mesmo com os diferentes tipos de pessoas é indispensável numa vida que presentemente é repleta de actividades e preocupações. Conforme as carências de cada um, sente-se a necessidade de ir passear, apanhar sol, fazer desporto ao ar livre, ou apenas encontrar com amigos (é contra-natura a pessoa não sair de casa, é essencial que receba o calor do sol, que tenha contacto directo com a natureza e não apenas visualmente). As crianças, por seu lado, saboreiam estes locais brincando umas com as outras interagindo directamente com a natureza.

Estes espaços não têm um público definido, são frequentados por várias classes sociais, profissões e fachas etárias. Porém, nem todos são bem-vindos (como é o caso dos sem-abrigo, toxicodependentes, etc.) devido ao clima de violência que é crescente, quando se apresentam são vistos como uma ameaça, o que acaba por afastar os utilizadores.

Os espaços públicos direccionados para o convívio são diversos, o que significa que o tipo de usuários também varia. A pouco e pouco, as pessoas tendem a dar valor ao ar livre, à natureza, que não davam no passado e a vontade de “estar lá fora” volta a desabrochar.

É importante compreender a forma como o espaço público e o seu equipamento é visto pelo público que o usa.

Numa temporada em que tudo roda à volta do tempo, do facilitismo, do efémero e do fugaz, os equipamentos urbanos assumem-se como o ponto de dinamização de espaços expectantes, de espaços muitas vezes vítimas de uma má manutenção, uso e programa.

Se para uma criança, um mero baloiço faz as suas delícias, cumprindo assim a sua necessidade de entretenimento e distracção, no caso de um turista, um mero objecto pousado num figurado acaso, faz com que o mesmo pare, tente compreende-lo e faça levantar algumas especulações sobre os seus reais motivos. A esta pausa aparentemente inocente, poder-se-á associar uma série de actividades pensadas num contexto de valorização espacial, não só do espaço público, como da cidade enquanto todo. É por isso que o aspecto dos espaços públicos tem muita influência na escolha dos utilizadores e são pormenores como a iluminação, a cor, a presença da natureza, as formas, a incidência de luz natural, a segurança, a própria localização do espaço e, de certa forma, o tipo de pessoas que os frequentam.

Quando se deparam com um local mais escondido e com uma fraca luminosidade é natural que o evitem por ser, geralmente, o favorito da marginalidade. O mesmo acontece quando um parque se anuncia vandalizado, o instinto defensor leva a abandonar aquele espaço assim como afastar as suas crianças.

O objectivo dos projectistas quando desenvolvem este tipo de propostas, é, acima de tudo, proporcionar uma zona agradável onde os cidadãos se possam esquecer, por momentos, do emprego, dos problemas e consigam, de alguma forma, relaxar e desfrutar do contacto com a natureza.

É importante prolongar a existência deste tipo de espaços para que a população continue a interagir entre si e não se limite a fechar dentro dos edifícios.

Um local ganha o estatuto de espaço de convívio a partir do momento que transmite bem-estar e começa a ser vivido pelas pessoas, marcado como ponto de encontro, escolhido como o local ideal para a brincadeira, o passeio, o descanso, etc.

É aqui que a "peça de teatro" se desenvolve, sendo estabelecida por inúmeras pessoas desconhecidas com variadíssimas finalidades e que se cruzam num determinado momento por partilharem algo em comum: o gosto por aquele espaço. Quando a população abraça um espaço público desenvolve uma relação muito particular com o mesmo: as pessoas sentam-se para comer uma sandes ou para ler um jornal, os jovens utilizam pequenos elementos (como muros, pequenos bancos, degraus, rampas, etc.) para praticarem desportos radicais ou simplesmente se encontram com amigos e criando o seu próprio "terreno".

Com o aparecimento de espaços de convívio privados, (como é o caso dos shoppings, já referido anteriormente), onde o acesso é limitado e vigiado, muitas pessoas passaram a preferi-los em prol da segurança das suas crianças. Este novo formato veio abalar por completo todo o comércio tradicional que se encontra espalhado pela cidade

Infelizmente, ainda existem vários tipos de racismo o que leva à incompreensão por parte das pessoas em relação aos mais desfavorecidos da nossa sociedade. O que se sucede é que os espaços de convívio ao ar livre começam a sofrer de desertificação devido ao receio que se instala, e acaba por permitir a investida da violência.

No livro Convivial Urban Spaces. Creating Effective Public Places de Henry Shaftoe é dado como exemplo um centro comercial, com ligação a uma estação subterrânea em Birmingham, que era frequentado não só pelos viajantes mas como pelos sem-abrigo que aproveitavam os bancos do centro para dormirem, já que se tratava de um local quente e resguardado.



Shopping Dolce Vita, Porto.

Não agradando aos seus utilizadores, as autoridades competentes viram a solução na remoção de todos os bancos transformando o centro num interesse, único e exclusivo, de comércio ou restauração Mas, será que o sem-abrigo não procurará, como todos nós, companhia nestes locais comuns ou uma nova oportunidade?

É importante contrariar a desertificação dos espaços de convívio, dando motivos suficientes aos cidadãos para que voltem a povoá-los.

Já existem casos em que são criados parques privados protegidos por gradeamento e vigilância.

Um espaço que seja bastante frequentado transmite segurança, pois acaba por ser vigiado de uma forma inconsciente. Sendo assim, é fundamental que as pessoas se relacionem de uma forma quase genuína com o local em questão, para, desta forma, podermos garantir a longevidade do local.

Cada vez mais se fala na construção sustentável, mas ainda não lhe foi atribuído o devido valor.

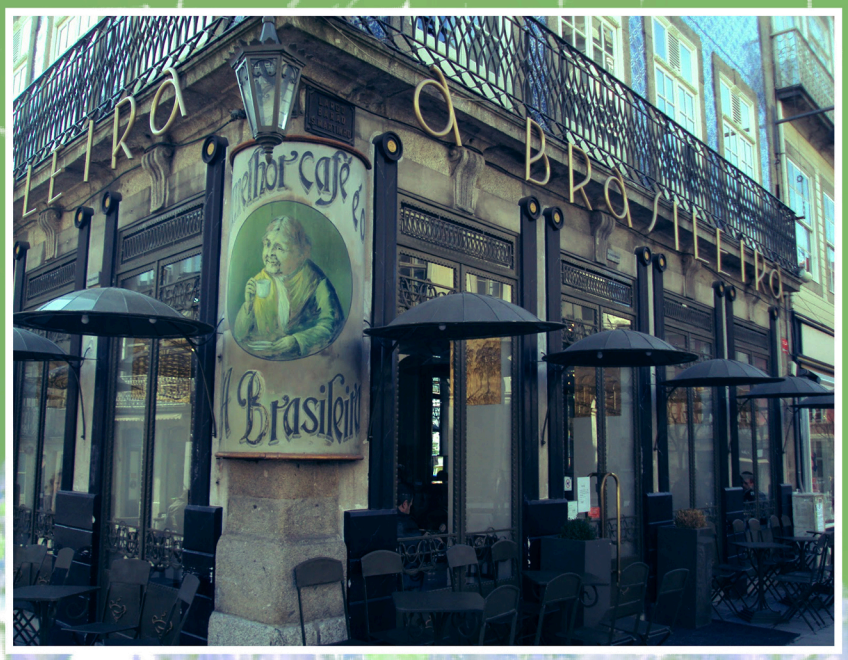
É importante haver uma tomada de consciência do impacto ambiental de todos os gestos e práticas antes que seja tarde de mais. O planeta tem sofrido graves alterações, das quais, e talvez mais grave, o aquecimento global que tem influenciado todo o ciclo climático. Por isso, é importante implementar a construção sustentável o mais rápido possível na sociedade actual, pois, segundo Livia Tirone no livro Construção Sustentável, irá garantir o conforto e sanidade de todos os que a habitam e assegurará uma utilização racional de todos os recursos, protegendo e potenciando o bom desempenho dos ecossistemas.

É essencial haver uma especial atenção em reduzir as necessidades e optimizar a oferta.

A grande maioria dos espaços de convívio foram-se desenvolvendo ao longo dos tempos de uma forma orgânica através de um acumular de adaptações e acrescentos. São espaços que têm uma maior tendência para subsistir, e é a partir dos mesmos que devemos aprender e analisar de que forma se adaptam às circunstâncias que vão surgindo sem partir de um projecto previamente planeado.

Os projectistas tendem a seguir por caminhos mais mecanizados como a localização, o tipo de uso e o fluxo de circulação acabando, por vezes, por gerar espaços que não conseguem fazer uma correcta absorção de toda a envolvente assim como a constante evolução humana e social.

Os espaços são uma arte que depende, fundamentalmente, da actividade e do uso contínuo e espontâneo das pessoas, pois sem elas não fará qualquer sentido.



Café "A Brasileira",Braga.

Este conceito não deverá ser encarado como uma ciência, mas antes como um processo em constante transformação. A cidade é recheada de vivências e história que vão ficando registadas nas suas formas, cores e carácter, e quando existe uma tentativa de quebrar essa linha de orientação e desenvolvimento pode resultar em consequências negativas, transformando o espaço num

vazio imenso sem pessoas, sem alma. No livro Convivial Urban Spaces de Henry Shaftoe, é-nos dado como exemplo a La Défense em Paris que se revelou uma ambição com pouco sucesso.

As intervenções desta tipologia devem ser projectadas a pensar desde as crianças até aos idosos, assim é indispensável arranjar soluções que satisfaçam todo o tipo de utilizadores. Hoje em dia é pertinente criar espaços multifuncionais, onde os pais possam descansar e vigiar, ao mesmo tempo, os seus filhos que brincam num parque que faz parte do mesmo local. Porque não criar zonas com elementos naturais e objectos feitos, precisamente, de materiais como a madeira, a pedra, até mesmo trazer novamente as caixas de areia onde as crianças possam brincar? Ou construir pequenos canais artificiais de água para que as pessoas possam ouvir e tocar? De facto, os mais pequenos desenvolvem muitos mais a sua criatividade quando se envolvem com este tipo de ambiente. E é a pensar neles que muitos parques com objectos lúdicos são construídos perto de locais de residência devido há falta tempo que também atinge estas fachas etárias – pois, hoje, existe uma grande variedade de actividades extracurriculares que as crianças frequentam.

À medida que se vão desenvolvendo, é importante que não passe em vão um factor que pode contribuir bastante para esta questão: a realização de eventos. Se este espaço conseguir abranger vários tipos de acontecimentos (como feiras artesanais, feiras do livro, concertos, etc.) é uma mais-valia para o local por se tornar muito mais activo e atrairá mais curiosos. Se esta actividade se mantiver até mais tarde, de maneira a abranger um bocado da noite, convidará as pessoas a saírem de casa para passearem.

Como já foi referido anteriormente, a sociedade actual vive um clima de violência e vandalismo que tem vindo a aumentar. O espaço público deve assumir-se como um local capaz de oferecer segurança, atingindo assim meio caminho andado para o seu sucesso. Já se encontram cidades que têm instalado sistemas de videovigilância, o que na verdade, acaba por causar uma sensação de segurança mais psicológica do que propriamente física.

A própria presença de agentes policiais, ajuda a salvaguardar que o espaço público seja alvo de qualquer tentativa de assalto, agressão, ou desacato etc. Contudo não deixa de ser fundamental que haja compromisso de cada um para que o civismo e a cidadania sejam crescentes.

Nos dias de hoje existem muitos espaços de convívio, sendo frequente encontrar-se parques com características semelhantes. Os mais usuais nos espaços cívicos das cidades são os parques infantis e zonas para exercício físico.

O público-alvo varia, a forma de atrair assemelha-se. Em ambos os casos, dispõe-se gratuitamente equipamento que irá suprimir algumas necessidades básicas, aliando sempre a vertente lúdica.

O factor gratuito é um atractivo que facilita a interacção com o público-alvo.

Inicialmente surgiram com materiais primários como o ferro e aço e vieram evoluindo, tendo chegado ao plástico e à borracha aliando resistência e redução nas despesas de manutenção a formas mais orgânicas que se inspiram na natureza.

Os equipamentos que incentivam ao exercício físico – os agora famosos ginásios ao ar livre compostos por objectos em ferro que permitem a execução de inúmeros exercícios, assumem-se como atractivos para quem tem preferência pelo ar livre ao invés de um espaço interior, além da sempre importante questão financeira que é a principal dinamizadora destes espaços em tempos de crise, já que a opção dos ginásios assume-se como impossível no contexto actual para grande parte das famílias.



Amarante



Guarda

Analise-se três casos semelhantes, com grande escala no contexto urbanístico das cidades onde existem, mas com programas bem definidos e que lhes permite sobreviver em concordância com os seus princípios projectuais:

Parque das Nações (Lisboa) - Local onde se desenrolou a passada Expo98, esta grande parcela da cidade, foi capaz de numa primeira fase recuperar e dinamizar um território que se encontrava expectante e em elevada fase de degradação, tornando-o capaz de acolher uma exposição de carácter e visibilidade mundial. Conceber e moldar espaços deste tipo revela-se uma tarefa complexa, pois, tal como aconteceu em Sevilha, uma má teorização e interpretação sobre a pós-exposição, pode transformar o espaço num local sobrante da cidade, desaproveitando elevados investimentos, e evitando a valorização de territórios com fortes capacidades para dinamizar zonas capitais da cidade.

No caso do Parque das Nações, é esta pós-exposição que merece alguma reflexão e destaque. O local soube auto regenerar-se, atraindo para si locais de forte impacto para quem habita e visita a cidade. Parque de exposições (FIL), Pavilhão Atlântico, Oceanário, Gare do Oriente, Centro Comercial, Campus de Ju

Este espaço soube adaptar-se a uma nova realidade, porque não dizer, a uma nova vida, registando uma metamorfose programática e funcional, sem com isso perder a sua virtude de uma nova centralidade para a cidade.

Aliados (Porto) - Espaço emblemático da cidade do Porto, também conhecido pela sala de visitas da cidade, a avenida dos aliados caracteriza-se por ser um espaço que desde a sua criação se foi moldando conforme as necessidades da cidade. Foi com base nesta premissa, que o arquitecto Álvaro Siza Vieira definiu um novo desenho para a praça, dotando-a assim de potencialidades para concentrar grandes aglomerados de pessoas, como é o caso de conquistas desportivas, eventos académicos ou festas populares, capacidade que o anterior desenho não revelava potencial para responder qualificadamente.

Parque da cidade (Porto) vs Parco Sempione (Milão) - Dois espaços de elevada escala, as maiores manchas verdes nas respectivas cidades.

Os dois parecem ter muitas semelhanças, porém, é nas diferenças que se destacam. Em primeiro lugar, a sua localização. O caso de Milão apresenta-se na zona central, no espaço imediatamente ao lado do Castelo, local bastante atractivo para turistas, e espaço de referência para os habitantes da cidade, que vêem naquele local uma alternativa à falta de praia e rio nas redondezas, enquanto que no caso portuense, o parque se encontra no limite físico da cidade, próximo do mar e sem pontos turísticos dignos de grande interesse/afluência.

O tipo de uso aplicado ao Parco Sempione funciona por temas, adaptando-se constantemente, quase como se fossem feiras, a eventos ou épocas especiais da cidade e/ou país. A noção de espaço público e a sua regeneração vive destes stands, pois são eles que enquanto zonas de lazer, restauração e cultural dinamizam e ajudam a dar vida a todo aquele vasto território, fortemente atractivo por si só enquanto espaço verde, mas altamente sustentável pela presença destes mesmos equipamentos,

conseguindo assim uma interacção e atractividade bastante grande, tanto para quem chega e quer conhecer o território, como para quem o conhece e dele pretende retirar o máximo proveito.

No caso do parque da cidade, espaço de relaxe, lazer e actividade física de referência no grande Porto, a sua coabitação com equipamento urbano resume-se a situações muito pontuais. Digno de uma escala magistral, este espaço assume-se como um local capaz de receber, colaborar e realizar grandes eventos, não pondo com isto em causa a sua função principal. Eventos como a queima das fitas, Red Bull air race, ou circuito da Boavista tem como aliado principal, o parque da cidade, conseguindo assim aproveitar as potencialidades do terreno, perfeitamente hierarquizado, permitindo assim valorizar as suas valências, não tendo necessariamente que interagir entre elas.

O turismo é um fenómeno com um grande crescimento que se dá todos os anos, meses, semanas, dias e em variadíssimos locais contribuindo fortemente para o seu desenvolvimento, mas contrariamente ao que se possa desejarm existem países/cidades quase dependentes desta actividade para sobreviver pois sem ela não conseguiriam enontrar o dinamismo e os fundos económicos necessários (mantendo o comércio e a restauração activos) para se sustentarem. Se por um lado o turismo promove o desenvolvimento, por outro chega a um determinado momento em que começa a haver um desgaste e surge a necessidade de eleger novos pontos de interesse para integrar no percurso turístico para cativar os visitantes.

Espalham-se pelo mundo exemplos que representam uma realidade um pouco desconcertante que é o caso de países considerados marcos turísticos mundialmente conhecidos e desejados mas que carregam consigo um grande desequilíbrio que inclui o elevado grau de pobreza, desemprego e problemas de saúde, que põem em risco a saúde pública (quanto mais frágil, maior é a dificuldade em conseguir

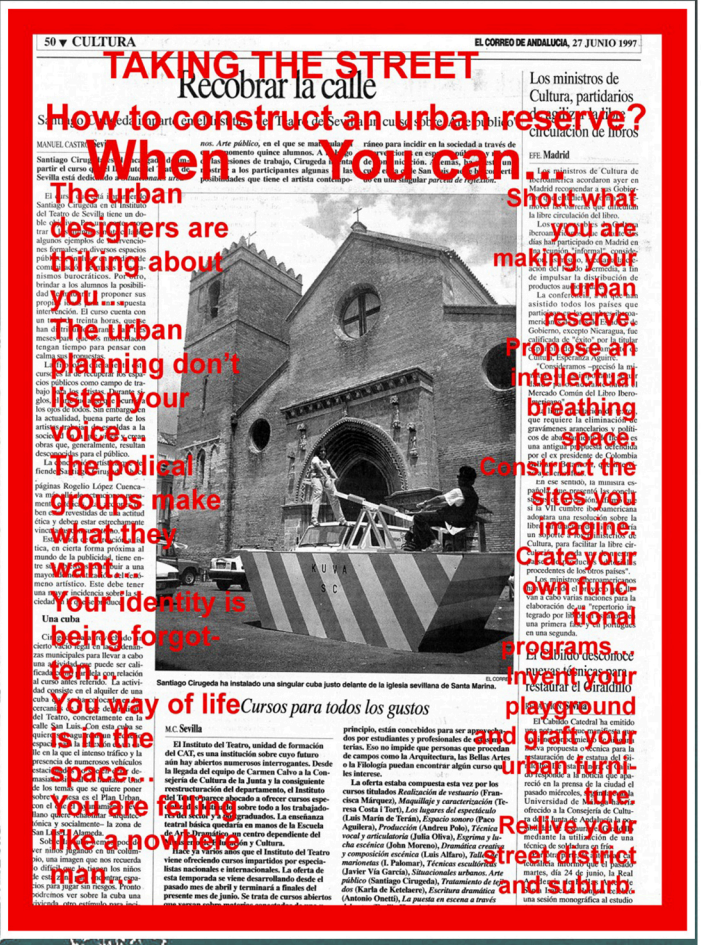
contornar as consequências adjacentes). A actividade turística não deve interferir com o sentimento de pertença da população local, não deve invadir o seu espaço, mas contribuir para a sua evolução e não para o seu desaparecimento (devido ao uso excessivo/abusivo dos recursos).

Quando a população abraça um espaço público desenvolve uma relação muito particular com o mesmo: as pessoas sentam-se para comer uma sandes ou para ler um jornal, os jovens utilizam pequenos elementos (como muros, pequenos bancos, degraus, rampas, etc.) para praticarem desportos radicais ou simplesmente se encontram com amigos e criando o seu próprio "terreno".

São estudadas várias "Estratégias de ocupação urbana" , e neste caso em concreto, com o objectivo de "recuperar a rua" apresentado no livro arquitectura portátil – environnements imprévisibles- de Pilar Echavarria M.. Trata-se da instalação de uma cuba num local estratégico com uma intenção provisória, efémera, que pode ter vários usos ou funções de acordo com a imaginação dos cidadãos, "(...) podendo-se encher de elementos que sugiram ou definam certas intenções funcionais ou intelectuais, como lugar de recreio para crianças, ponto informativo, sala de leitura, espaço de exposições, palco, vaso gigante, etc.". Quando há uma intervenção num espaço público, numa perspectiva duradoura é essencial estudar todo o seu enquadramento com o que o rodeia.
É essencial conhecer o tipo de população, os seus valores e costumes, a sua cultura. Uma intervenção deste género deve ser bem pensada para que seja bem aceite e para que os utilizadores se relacionem de uma forma saudável com o espaço.

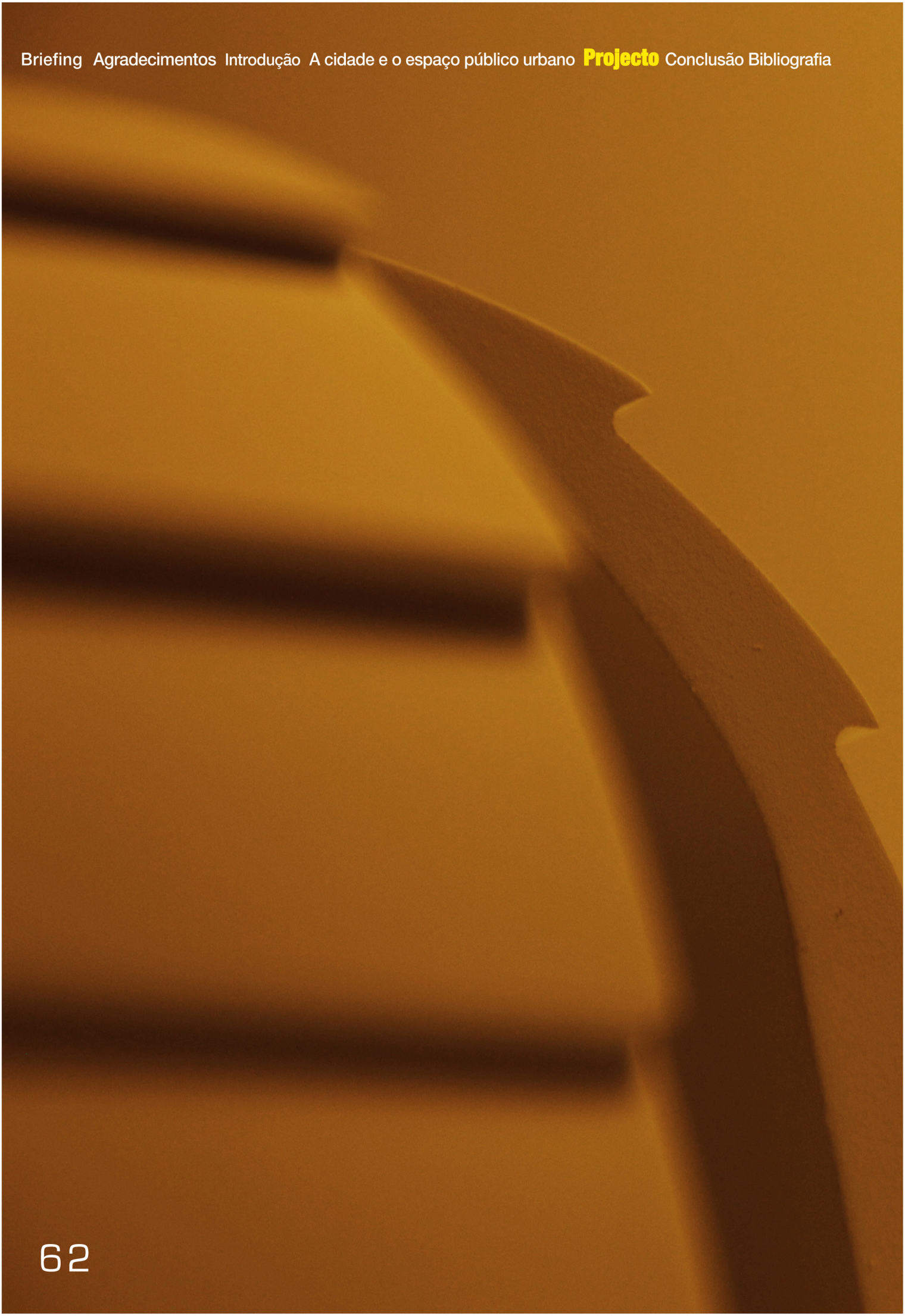


Arquitecturas Silenciosas,
Santiago Cirugeda, 1996.



Arquitecturas Silenciosas,
Santiago Cirugeda, 1996.

Se, por exemplo, a cidade em causa tem um ambiente mais rural do que propriamente urbano, nesse caso (e dependendo do contexto) trabalhar o espaço com formas muito agressivas/futuristas não será a melhor opção pois haverá o risco de se caminhar, como ponto de partida, para a rejeição por parte dos habitantes (o que irá contribuir para a temível desertificação). Num local onde a população é muito mais reduzida, como no caso dos meios rurais, o desenvolvimento do projecto de integrar simbolicamente toda essa envolvente.



Projecto: Urban Cork Social Design

Memória justificativa

No âmbito de um pensamento sustentável, pretende-se diminuir os milhares de excessos que são produzidos todos os dias, tentando rentabilizar o que é gerado através da reciclagem, reutilização, etc.. O avanço da tecnologia tem contribuído para a "aparição" de determinados sistemas de energias renováveis que ficam mais em conta a longo prazo para o consumidor. Estes recursos que produzem energia através da luz solar, do vento, etc., incentivam de alguma forma a que se ponha o ouro negro um pouco mais de parte (embora ainda haja um longo percurso a percorrer neste campo).

Todavia, o petróleo está muito enraizado na sociedade global em diversas situações. O automóvel é um dos muitos exemplos que comprova esta afirmação. Inúmeras famílias dependem deste meio de transporte para se deslocarem e, na grande maioria, possuem mais que um o que numa escala mundial se torna um pouco assustador, se pensarmos nos gases que são libertados diariamente. Aos poucos, começam a aparecer alternativas a este bem tão utilizado, como o carro eléctrico que é muito menos poluente. Nesta fase inicial ainda não são tão apelativos, isto é, são apelativos pelas suas características mas nem tanto pelo seu preço actual que é bastante elevado. Quando se notar um valor mais acessível, provavelmente aparecerão muitos mais compradores.

Assim acontece com as energias renováveis, inicialmente representam um grande investimento que afasta alguns possíveis compradores, mas a longo prazo compensará o valor inicial. Nos dias de hoje, os edifícios /casas não são meros blocos de betão, mas sim construções estrategicamente processadas de modo a evitar, por exemplo, o uso de ar condicionado/aquecimento central nas respectivas estações.

Em muitos casos, os jardins começam a existir na cobertura ajudando a refrigeração da casa no Verão e à concentração de calor no Inverno. As paredes passam a incluir o devido isolamento para que no Inverno não haja perda de calor e no verão não haja perda de ar fresco.

Temos vindo a assistir a um conjunto variado de projectos com diversas soluções que caminham neste sentido. De um espaço de 25m2 (e até menos) nasce um pequeno apartamento que engloba diversos espaços: cozinha, sala de estar, quarto e wc. Esta tipologia de habitação é muito utilizada em grandes cidades como Nova Iorque, Hong Kong, etc., cidades estas que devido à saturação de população e, consequentemente, casas e apartamentos, se vêem obrigados a explorar alternativas para que se evite mais um excesso de construções.

O turismo, que tem vindo a aumentar, tem-se tornado, cada vez mais, numa fonte de rendimento para muitas entidades. Contudo, este conceito vai muito mais além do que a simples ideia de uma pessoa visitar um país/cidade diferente dos seus. Isto engloba uma série de acções e trocas que se focam principalmente na cultura e na História. Quando uma pessoa visita um local que não conhece procura compreendê-lo através do conhecimento da história e da cultura local – os seus monumentos, gastronomia, costumes, ideais, crenças, etc.

Os espaços públicos de uma cidade podem mudar muito com o impacto que o tráfego turístico tem sobre eles. Um novo monumento, um ponto de referência ou simplesmente a construção de um espaço para uso público, que tenha a sorte de ser incluído num guia de arquitectura ou roteiro sugerido, afecta fortemente o espaço público envolvente, o seu uso e o da matriz de toda a cidade.

As escalas onde estes espaços se desenvolvem vão variando, podendo falar de um simples largo até à escala duma expo ou parque duma cidade.

O desenvolvimento de espaços privados, espaços relacionados com a exploração económica desse fluxo de turistas, altera dramaticamente a imagem, a estrutura e a função de uma área mais ampla.



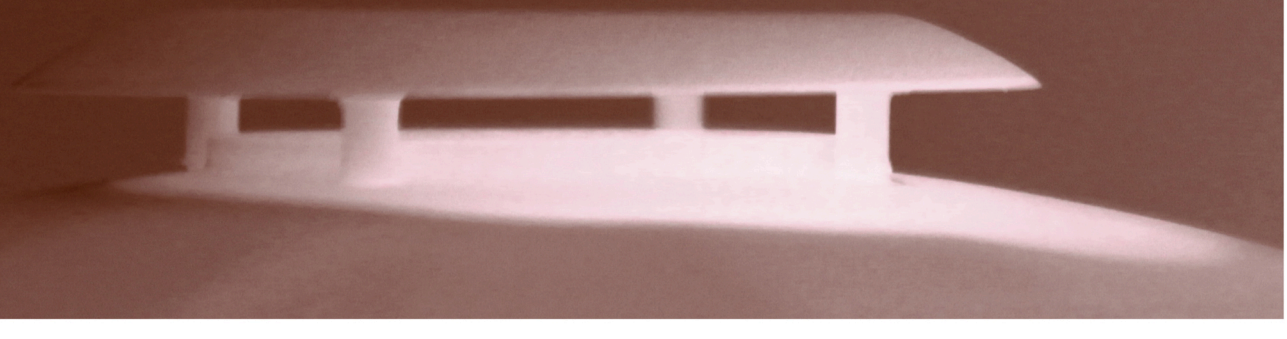
Inserção Urbana da Avenida dos Aliados,
Álvaro Siza, 2006.

O conceito tradicional de espaço público varia conforme as cidades em causa, como com cada usuário. São noções variáveis onde a importância dada ao espaço será fulcral na definição atribuída.

É com as actividades diárias e comportamentos normais dos seus utilizadores, que se desenvolve uma familiarização com o espaço e, dessa forma, a definição do mesmo.
São raros os espaços públicos pensados para os habitantes desse sítio e para os visitantes, pois cada um tem ambições diferentes, enquanto os moradores têm a tendência a evitar locais turísticos por motivos de privacidade, tranquilidade e velocidade de transporte, os turistas procuram espaços onde possam enriquecer-se de alguma forma, cultural, social, lúdica ou lazer, num contexto activo ou passivo.

Os espaços públicos que estão relacionados ao turismo são formados com base na condição de fortalecer os laços que ligam o visitante à cidade.
Tal facto sucede independentemente do espaço de ocorrência no território ser turístico ou não.
Pois, como um fenómeno apropriador, é o mesmo que elege o seu objecto de apropriação e não o contrário, promovendo nesse espaço uma verdadeira revolução, do ponto de vista das alterações que impõem às paisagens e à organização social que compõem as estruturas por ele apropriadas.

Na verdade, tudo se centra numa troca de culturas entre a pessoa que visita e o local em questão.
Todos beneficiam e contribuem para que esta cadeia se desenvolva sem fim aparente – quem visita comenta com um amigo o que conheceu despertando a sua curiosidade e contribuindo assim, para um aumento do fluxo de turistas.





Inserção do equipamento na Avenida dos Aliados,Porto.

O apoio a esta actividade tem evoluído bastante, mas talvez ainda se encontrem algumas falhas. Geralmente são disponibilizados folhetos com o mapa da cidade, por exemplo, mas nem sempre vem acompanhado com a história ou, por outro lado, são indicados os pontos mais importantes sem uma introdução prévia. É importante não encarar estas particularidades como meros caprichos pois não deixam de ser pertinentes.

Assim nasce a ideia de criar um equipamento urbano sustentável que seja identificado como uma espécie de marco de apoio turístico da cidade que se fixará, mediante a disponibilidade, nas partes mais emblemáticas da cidade preferivelmente com espaços verdes e que irá interagir com vários tipos de público, contribuindo para o aumento do convívio entre si. (O seu alojamento será temporário, pois qualquer câmara municipal poderá requisitá-lo)

Nele poderá ser encontrada uma vasta base de informação sobre a cidade em questão – desde os monumentos à gastronomia – disponível através de um sistema informático acessível ao público. Todavia, para além de um ponto de pesquisa alia também um espaço para um breve momento de descanso onde poderá surgir um convívio circunstancial de "praça" que se tem vindo a perder com o aumento das "selvas de betão", que vêem nascer shoppings, super e hipermercados, etc., como é referido por Manuel Graça Dias no livro Manual das Cidades.

Um dos conceitos mais importantes deste equipamento é a partilha de culturas, de maneira a proporcionar o desenvolvimento de uma relação activa e emotiva com o espaço público e as pessoas. a pessoa que aceder à base de dados poderá, se assim o entender, deixar um "bocadinho de si" através de imensas opções: digitalização de fotografias suas ou desenhos (da sua cidade/país); introdução de texto (uma opinião do que conheceu ou apenas uma frase simbólica); entre outros. Posteriormente todos estes dados inseridos serão apresentados intercaladamente nos ecrãs de que o equipamento é dotado permitindo ao utilizador relaxar enquanto vê a actualização da informação. Neste caso em estudo revela-se um projecto que pretende ser invadido, usado e aproveitado.

MEMÓRIA DESCRITIVA

Tendo como influência as formas curvilíneas presentes nos objectos de Ross Lovegrove e como principal referência *Solar Tree, a* estrutura inspira-se na natureza, nas árvores... E num processo de transformação e adaptação, ao alongar os seus ramos estes declinam-se até se fundirem com o s assim uma estrutura que se eleva da linha terra dispensando a necessidade de um tronco como um ponto estrutural indispensável.

A estrutura desenvolve-se num leve conjunto de perfis de alumínio distribuindo as diferentes forças através de uma cúpula que se alonga até ao piso, sendo então fixa ao solo através de pequenas espias muito utilizadas para a fixação das comuns tendas de campismo. Todo o seu esqueleto metálico é abraçado por uma camada de cortiça de aglomerado negro no exterior e cortiça branca no interior, ambas com 1 centímetro de espessura. As características deste material contribuem para uma relação mais cúmplice com o meio ambiente assim como a sua envolvente. Tal como é referido no livro A Indústria da Cortiça em Portugal, a cortiça apresenta um determinado conjunto de características que lhe conferem uma grande polivalência:

- Extremamente leve.
- Resistente à penetração de humidade e praticamente impermeável aos gases.
- Compressível e elástica.
- Fraca condutora de calor. Condutividade térmica muito baixa.
- Resistente ao uso e ao atrito.
- Excelente isolante térmico, acústico e vibrático.
- Biodegradável.

Esta matéria-prima, com inúmeras aplicações e finalidades, tem como base da sua indústria a rolha de cortiça natural. Todavia, nos dias que correm a cortiça é muito valorizada também sob a forma de aglomerado em áreas como a construção civil (isolamentos, revestimentos, pavimentos, entre outros), desporto (raquetas, bóias de pesca, etc.), calçado e roupa (desde as solas de sapatos até aos vestidos para senhoras), indústria automóvel, aeronáutica, música, entre muitas outras.
A sua inquestionável qualidade começa a ficar comprometida apenas ao fim de 150 a 200 anos.
A primeira extracção de cortiça, intitulada de virgem, ocorre geralmente quando o sobreiro atinge os 25 a 30 anos, preferencialmente nos meses de Junho e Agosto e apenas se repete de 9 em 9 anos na mesma árvore. Da segunda extracção obtém-se a cortiça de reprodução de maior qualidade.

O seu processo de preparação e posterior produção organiza-se em quatro fases distintas identificadas por subsectores: subsector preparador, subsector transformador, subsector granulador e subsector aglomerador. Na passagem de um subsector para outro vão havendo desperdícios do material ou mesmo pedaços que não são utilizados para determinados produtos, por não serem os mais adequados. São então triturados e aproveitados para um outro sector sem perder as suas qualidades, o dos aglomerados: os aglomerados negros e os brancos.

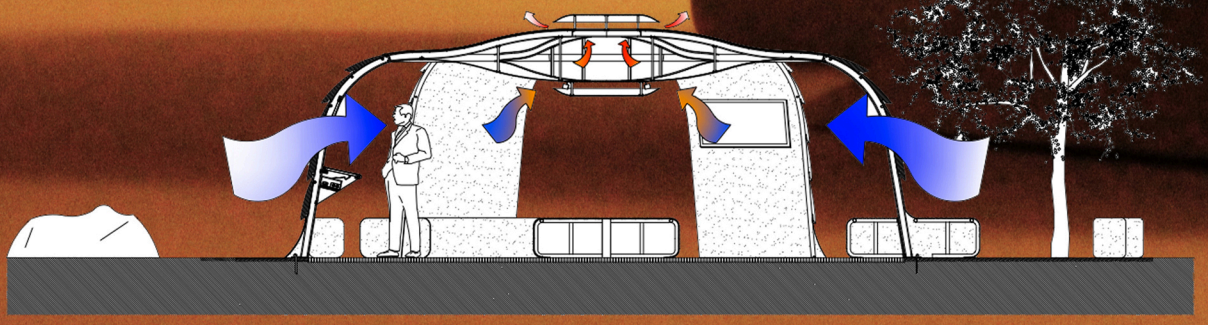
Aglomerados expandidos/ Puros/ Negros – “ (...) formado essencialmente (70% a 80%) por Falca, obtida por extracção dos despojos das podas dos sobreiros. Esta matéria-prima é reduzida a grânulos e posteriormente, por efeito de pressão, temperatura e apenas com a sua própria resina, os grânulos aglutinam-se formando os aglomerados expandidos puros, também designados por aglomerados negros devido à sua cor final (...). Trata-se de um produto totalmente natural e reciclável.”

Aglomerados compostos/ Brancos – “O aglomerado composto é um produto obtido pela aglutinação de granulado de cortiça com substâncias estranhas ao sobreiro, tais como a borracha, plástico, asfalto, cimento, gesso, caseína, resinas naturais e sintéticas, colas e químicos.”

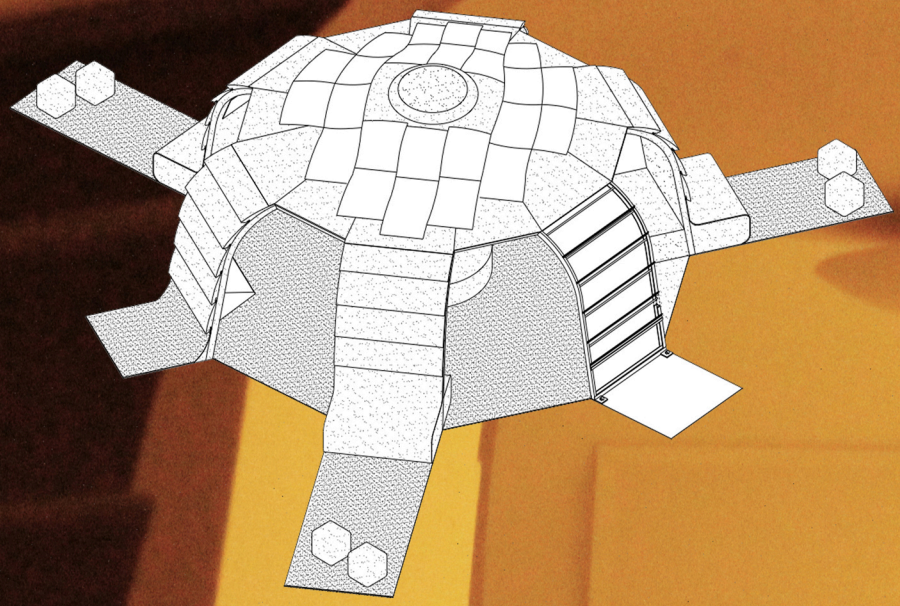
Já há 3.000 anos a.C. era usada na “ (...) Ásia como flutuante nas artes da pesca, no Egipto em sarcófagos milenares, em Pompeia como vedante de ânforas e na Grécia antiga em vasilhames de vinho e azeite”. As rolhas foram evoluindo paralelamente com o desenvolvimento das garrafas, que inicialmente exibiam formas irregulares às quais as rolhas se tinham de adaptar. Com o grande progresso da produção e comércio do vinho a sua visibilidade aumentou consideravelmente marcando-se como produto nobre. “Na década de 90, Portugal foi responsável por cerca de 42% da produção mundial de cortiça” e hoje “ (...) é o maior produtor, transformador e exportador de cortiça.”

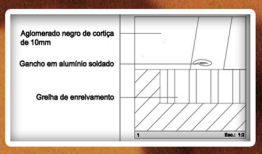
A estrutura metálica resguarda consigo os fios eléctricos da iluminação e de todo o sistema informático reunindo-se posteriormente numa pequena „central de electricidade armazenada que, por sua vez, vai sendo gerada pelos painéis solares (painéis ultra-finos que permitem uma moldagem do seu material para poderem acompanhar as formas curvilíneas que se apresentam) situados na cobertura do equipamento garantindo, assim, o funcionamento dos computadores, dos plasmas e da iluminação. "As células fotovoltaicas convertem a luz do sol directamente em electricidade" dispensando manutenção e apresentando-se como um sistema limpo e silencioso sem perder a sua eficiência na utilização de energia solar. Embora o custo inicial ainda seja elevado, a sua utilização alargada promete reverter os valores, até porque "a quantidade de luz solar disponível para o seu aproveitamento e o potencial destas células a longo prazo são enormes",

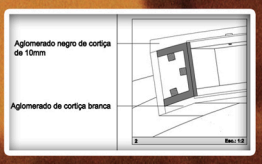
A Green Vitruvius, 2001.

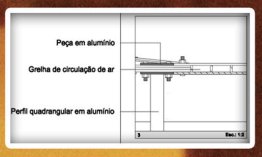


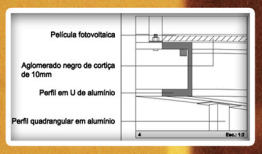
Corte B

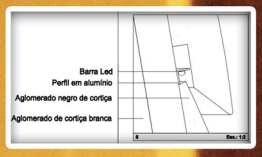


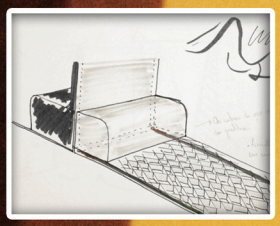

Aglomerado negro de cortiça de 10mm
Gancho em alumínio soldado
Greiha de enrelvamento

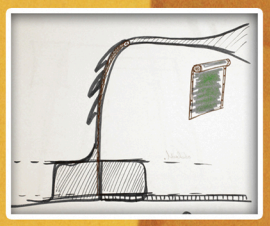

Aglomerado negro de cortiça de 10mm
Aglomerado de cortiça branca

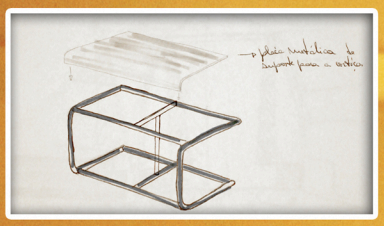

Peça em alumínio
Greiha de circulação de ar
Perfil quadrangular em alumínio

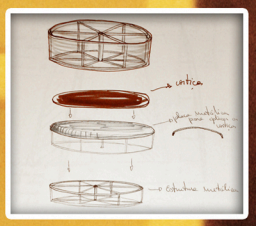

Película fotovoltaica
Aglomerado negro de cortiça de 10mm
Perfil em U de alumínio
Perfil quadrangular em alumínio

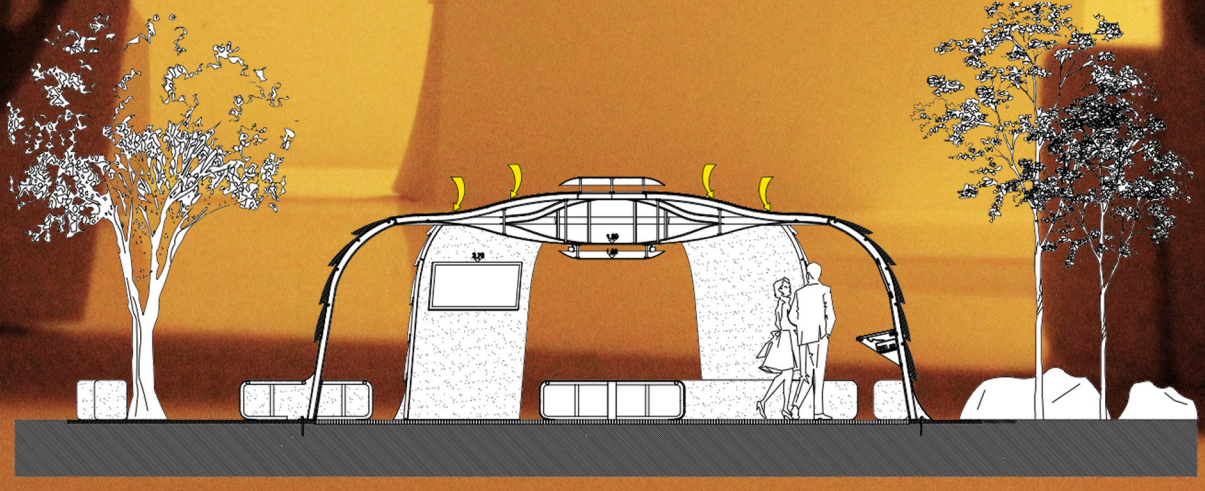

Barra Led
Perfil em alumínio
Aglomerado negro de cortiça
Aglomerado de cortiça branca











Corte A

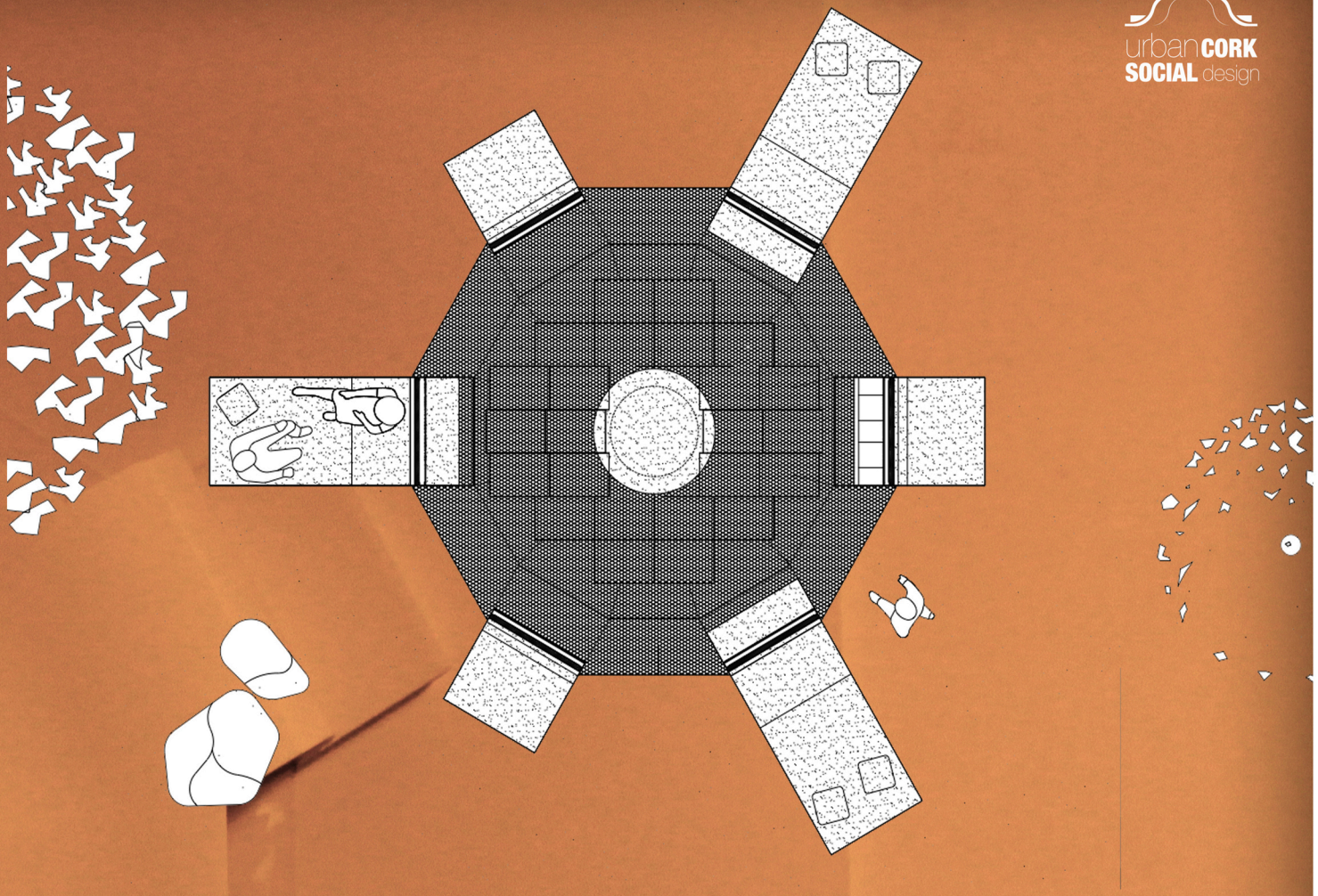
Podem ser utilizados dois tipos de instalações, as "não ligadas à rede" e as "ligadas à rede".

No primeiro caso, não existe ligação a uma rede eléctrica, a electricidade será armazenada numa bateria e utilizada quando necessário. Já no caso de ser "ligada à rede" não há a necessidade de armazenar a energia dado que existe uma troca, isto é, o fornecimento e retorno à rede à medida que vai sendo produzida. Esta caixa refugia-se num espaço central oculto rematado por uma espécie de tampa (indicando a localização da zona de manutenção de todo o cérebro deste equipamento urbano), que nos ilude apresentando-se como uma peça flutuadora iluminada por leds sendo, na verdade, fixa à cúpula através de pequenos perfis de alumínio. O mesmo acontece no exterior, no topo da cobertura, com uma peça idêntica mas invertida. Esta intenção reside na preocupação de proporcionar uma refrigeração natural de todo o equipamento electrónico.

Desta forma, o ar quente gerado vai subindo até escapar pelo cume da estrutura enquanto vai dando entrada de novo ar frio permitindo a continuidade deste ciclo.

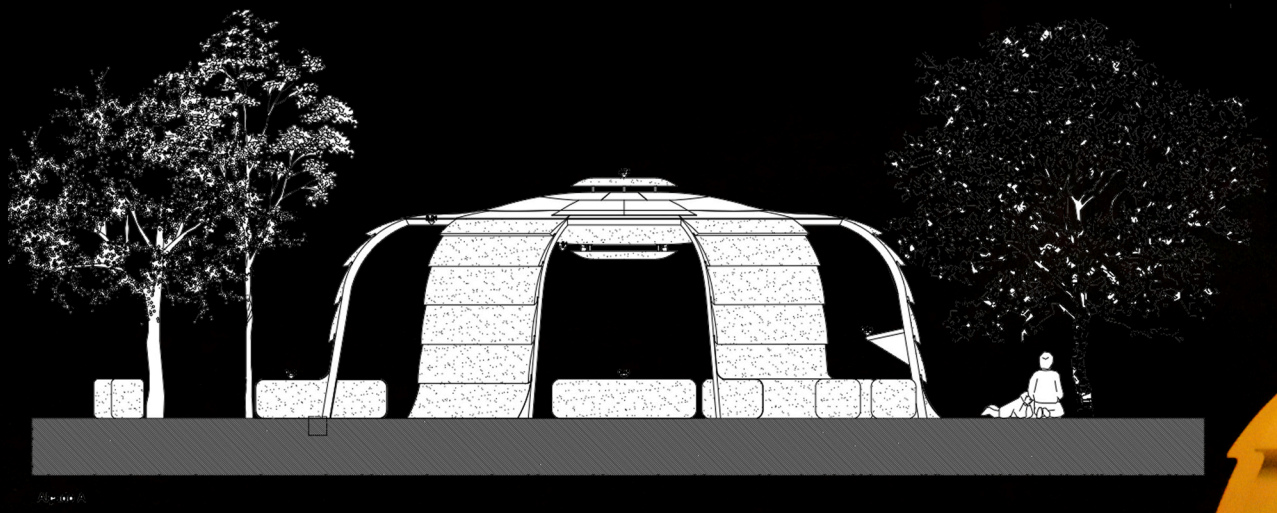
Os leds que se encontram refugiados no rasgo criado pela tampa, acima referida, deixam escapar a sua luz difusa que vai percorrendo as linhas curvilíneas até se dissipar no encontro com as 6 paredes existentes. No exterior, a iluminação apresenta-se como leds em barra estrategicamente colocados de modo a evidenciar as várias escamas de cortiça que nascem na linha final da cúpula e vão revestindo as paredes ao longo da sua superfície. Num cenário nocturno, o equipamento erguer-se através de um jogo de luz/sombra que evidencia as características formais insinuando uma carapaça de um animal.

Toda a iluminação será activada através de um sistema de controlo automático composto por sensores que fazem o reconhecimento dos níveis de iluminação natural, assegurando assim uma significativa poupança com uma comprovada eficiência energética.

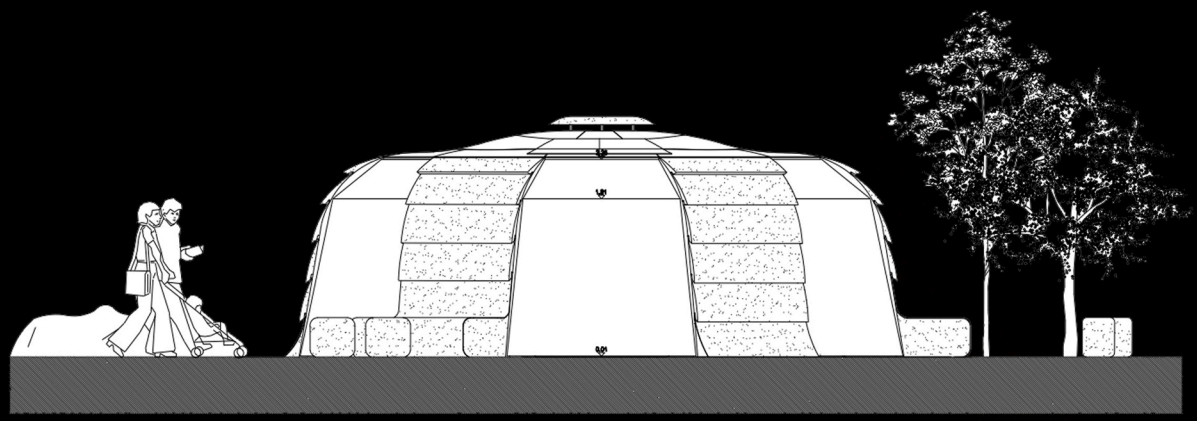


O seu interior, de forma circular, é composto por uma subtil simbiose de duas áreas : área de convívio; e área de pesquisa. A área de convívio é marcada através de pequenos apontamentos constituídos por estruturas metálicas revestidas com cortiça, os bancos, que procuram criar um contacto constante entre si e integram, simultaneamente, a área de pesquisa numa estreita relação com os ecrãs que se exibem ao longo do equipamento e transmitem toda a informação partilhada pelas diversas pessoas que por ali vão passando. O principal ponto de pesquisa domina um dos braços apresentando-se através de um pequeno balcão suspenso, que nasce do corpo da estrutura principal, onde se encontram dois ecrãs touch screen encastrados que permitem que o visitante tenha acesso directo aos dados disponíveis. Estes dados têm como fundamento uma actualização contínua de informação que vai sendo agrupada numa vasta biblioteca, associada à cidade em que o objecto se encontrar. Esta biblioteca poderá ser aproveitada posteriormente para exposições, conferências, e outros eventos que tenham objectos de estudo semelhantes ao tema apresentado.

O pavimento é composto por uma grelha de enrelvamento modular que perfura ligeiramente o solo permitindo que a vegetação rasteira não seja abafada e continue a crescer, numa tentativa de intervir o menos possível no local. Já numa situação em que não seja possível usar esta grelha, como numa zona cimentada, a alternativa será um aglomerado de cortiça de 8 milímetros composto por granulado de cortiça juntamente com borracha, proporcionando ao utilizador uma sensação completamente diferente quando o pisa. O objectivo, nos dois casos, pretende evidenciar a passagem do exterior para o interior. No exterior, no encontro das sinuosas paredes com o solo também é utilizado como pavimento o aglomerado de cortiça e borracha, referido anteriormente, para evidenciar as zonas de descanso/ convívio e, ao mesmo tempo, dar uma sensação de continuidade do material das paredes para o utilizado no solo.

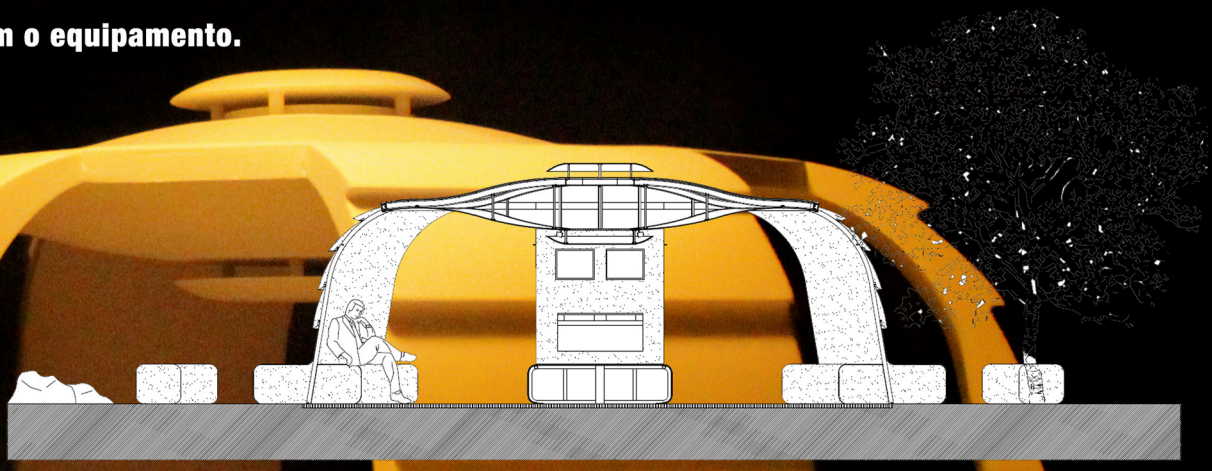


Este equipamento não tem propriamente uma porta de entrada e de saída definida, pois como é constituído por diversas aberturas a intenção passa precisamente por permitir ao utilizador entrar e sair por onde preferir. Estas aberturas apenas são fechadas à noite, através de telas cozidas nas extremidades com ilhós estrategicamente colocados para depois encaixarem em camarões soldados nas laterais das estruturas, que representam as paredes.

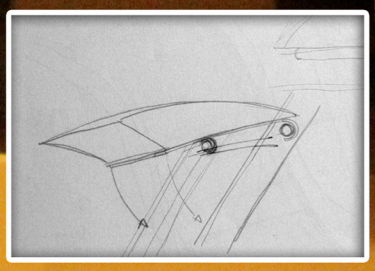


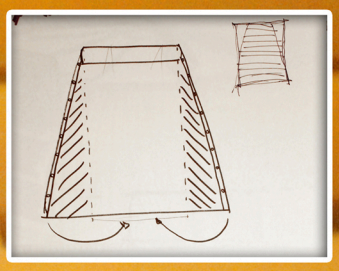
De dia, as telas são recolhidas, enroladas, e colocadas por baixo dos bancos que se encontram no exterior, ficando assim camufladas e arrumadas (já que estes também são constituídos por uma estrutura em alumínio criando um vazio que é depois tapado pelo aglomerado negro).

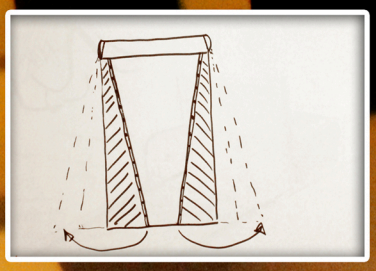
O Urban Cork não tem como finalidade a imposição do seu corpo mas a integração gradual da sua presença numa envolvente específica carregada de história. E para isso é essencial conseguir criar uma ligação com os cidadãos cativando-os de modo a relacionar-se naturalmente com o equipamento.



Corte D







Nos dias de hoje a humanidade depara-se com vários problemas que foram crescendo ao longo do tempo. Embora a mesma tenha conseguido um avanço incrível a vários níveis – principalmente a nível tecnológico – não conseguiu evitar determinadas consequências.

O que inicialmente começou por se incrementar foi uma ideia que garantisse a integridade da resposta às variadas necessidades sem por em causa as que surgiriam a longo prazo através de um processo evolutivo de áreas como a economia, a política, a sociologia, entre outras.

Contudo, será essencial conseguir chegar até às pessoas através de uma sensibilização estratégica, como por exemplo, nas escolas de ensino básico os professores incentivam as crianças a proteger o planeta promovendo variadíssimas actividades, e o resultado é bem visível pois os mais pequenos levam os pais a adoptar costumes como a separação do lixo. Para transmitir a mensagem não é aconselhável optar por uma via que seja evasiva, pois o interesse centra-se no entendimento por parte da população demonstrando que todos irão beneficiar com as pequenas acções que são pedidas. Assim, o ideal será complementar o lado negativo com as diversas soluções que surgem, de modo a contribuir para uma evolução na área da construção partilhando com os cidadãos que, se houver uma reflexão consciente, é possível ir mais além.

O projecto desenvolvido depara-se com algumas questões que teriam de ser repensadas ou avaliadas de acordo com o seu objectivo final. Na procura de um percurso com base na sustentabilidade, a proposta inicial do equipamento começou por se apresentar no seu total assentamento ao solo reunindo em si sistemas como a recolha de água da chuva para uma

posterior rega de um espaço ajardinado. Contudo, a preocupação em combater a possibilidade de se tornar obsoleto e cair no esquecimento provocou a necessidade de desprender o equipamento para que lhe fosse possível a mobilidade, para, assim, viajar de cidade em cidade. Esta alteração gerou uma significativa mudança no que diz respeito ao conjunto de materiais e optou-se por adoptar um sistema um pouco mais dispendioso numa fase inicial, mas compensatória a longo prazo. Desta forma, a estrutura que inicialmente começou por ser desenvolvida em perfis de ferro UPN e vigas IPN, foi então alterada para outro material: o alumínio, devido à sua leveza e possibilidade de ser reciclado.

A forte necessidade de reduzir o peso do equipamento forçou o abandono do mecanismo pensado para o armazenamento de águas devido às exigências de construção que este implicaria. Assim, apenas de manteve a recolha de energia solar, da qual depende a auto-suficiência do projecto. Os painéis encontrados foram analisados de acordo com as características pretendidas, embora, como ainda só existe num formato de protótipo experimental, haja pouca informação sobre este produto. A sua forma maleável acomoda-se perfeitamente ao perfil orgânico e sinuoso apresentado pelo equipamento. Depois se serem ponderados vários materiais para o revestimento, chegou-se à conclusão de que a cortiça, pelas características que apresenta e por ser produzida essencialmente em Portugal, seria o material mais adequado para o caso em questão.

O pavimento no interior, que inicialmente também começou por ser em cortiça, automaticamente se transformou na malha modular utilizada geralmente em recintos ajardinados de modo a possibilitar o crescimento da relva. Sendo um produto standardizado tem uma aplicação bastante simplificada, o que leva a poupar na mão-de-obra e no tempo gasto.

Relativamente ao sistema informático, de hardware e software, é uma área muito ingrata que acaba por ficar sempre em aberto. O que hoje é actual e topo de gama é amanhã obsoleto e desactualizado. Esta rápida evolução das tecnologias condiciona automaticamente todo o equipamento informático utilizado. Neste sentido, procurou-se uma flexibilidade no que respeita a sistemas de encaixe de todo o material de forma a permitir a actualização do mesmo no futuro.

A proposta pretende representar essencialmente um marco de pesquisa social e convívio proporcionando um bem-estar e conforto aos utilizadores. Na ajuda da divulgação da cidade em questão, reside a intenção de sensibilizar e cativar as pessoas napartilha desentimentos e vivências.

Em suma, este projecto pretende não ser uma mera fase ou um mero memorial, mas um vaículo capaz de fazer extrair e valorizar os princípios e qualidades intrínsecos ao urbanismo, design, sociedade e sustentabilidade, tentando sensibilizar os seus utilizadores e retirar deles o máximo e o melhor.

Importa perceber que os futuros usuários deste projecto, irão contribuir com as suas decisões, suas fantasias e preocupações, moldando os seus interesses às qualidades do sítio, proporcionando assim um caticante espaço aberto ao conhecimento.

Um espaço onde o essencial seja o despertar.

"A leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de 'escrevê-lo' ou 'reescrevê-lo', quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente".

Paulo Freire (Educador e filósofo brasileiro)

Ábalos, I. (2001). *A boa-vida.* Barcelona: Gustavo Gili.

Arquitectos, O. d. (2001). *A Green Vitruvius.* Costa e Valério.

Baeza, A. C. *A Ideia Construída.* Casal de Cambra: Caleidoscópio_Edições e Artes Gráficas, SA.

Besancenot, J. P. (1990). *Climat et tourisme.* Paris: Coll. Géographie.

Brownell, B. (2008). *Transmaterial 2.* New York: Princeton architectural press.

Collins, M. W., Atherton, M., & Bryant, J. A. (2005). *Nature and Design.* Boston: Athenaeum Press Ltd.

Cravidão, F. D., & Cunha, L. (1991). Cadernos de Geografia. *Turismo, Investimento e Impacto ambiental* , pp. 199-227.

Dias, M. G. (2006). *Manual das Cidades.* Lisboa: Relógio D'Água Editores.

Echavarria, P. (2008). *Arquitectura portátil.* Barcelona: Links.

Edwards, B. (2008). *O guia básico para a sustentabilidade.* Barcelona: Gustavo Gili.

Foster, N. (Janeiro de 2007). *Norman Foster's green agenda.* Obtido em 18 de Maio de 2010, de www.ted.com: http://www.ted.com/talks/lang/eng/norman_foster_s_green_agenda.html

Heller, E. (2007). *A Psicologia das cores.* Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SL.

Lefteri, C. (2006). *Materials.* Switzerland: Rotovision.

Llewelyn, D. (2007). *Urban Design Compendium 1&2.* London: Housing Corporation.

Shaftoe, H. *Convivial Urban Spaces.* London: Sterling VA.

Távora, F. (2004). *Da Organização do Espaço.* Porto: Faup publicações.

Tirone, L., & Nunes, K. (2007). *Construção Sustentável.* Sintra: Tirone Nunes, SA.

Vezzoli, C., & Manzini, E. (2008). *Design for Environmental Sustainability.* London: Springer.

Whiteley, N. (1993). *Design for Society.* Recktion Books.

Zumthor, P. (2006). Atmosferas. Espaços arquitectónicos - as coisas à minha volta. *Atmosferas.* Barcelona: Gustavo Gili.

I.P, Instituto para a Qualidade na Formação (2005). A Indústria Da Cortiça em Portugal. Lisboa: Instituto para a Qualidade na Formação, I.P.



urban CORK SOCIAL design